

MEDICINA CASEIRA

Governo do Estado do Ceará

Governador

Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador

Francisco José Pinheiro

Secretário da Cultura

Francisco Auto Filho

Secretária Executiva da Cultura

Alda de Oliveira

Coordenadoria de Políticas do Livro e de Acervos

Karine David

Raymundo Netto (Coordenação Editorial)

Coordenadoria de Patrimônio Artístico e Cultural

Otávio Menezes

Diretoria da Casa de Juvenal Galeno

Antônio Santiago Galeno Júnior

Coleção Nossa Cultura

Conselho Editorial

Ângela Maria R. Mota de Gutiérrez

Cristina Rodrigues Holanda

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

Jorge Pieiro

Maria Eleuda de Carvalho

Rafael Sânzio de Azevedo

Sarah Diva da Silva Ipiranga

Juvenal Galeno
— OBRA COMPLETA —

MEDICINA CASEIRA

2ª edição

Organização
Raymundo Netto

Apresentação à 1ª edição
Oswaldo Riedel



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura

Fortaleza - Ceará
2010

Juvenal Galeno: obra completa

Medicina Caseira

2ª edição

Copyright © 2010 Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Todos os direitos desta edição reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 19.02.1988 à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da SECULT/CE.

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n, 3º andar, Fortaleza, Ceará

CEP: 60.839-900

www.secult.ce.gov.br

Casa de Juvenal Galeno

Rua General Sampaio, 1128, Centro, Fortaleza, Ceará

Coordenação editorial

Raymundo Netto

Revisão de texto

Jorge Pieiro e Raymundo Netto

Digitação do original

Remo e Raymundo Netto

Capa

Mariano Souza e Raymundo Netto

Programação visual e diagramação

Francisco Batista

Ilustrações

Na capa: “Juvenal Galeno”, óleo sobre tela da poetisa e artista plástica Jane Blumberg

Na orelha: “Juvenal Galeno”, óleo sobre tela de Otacílio de Azevedo

Na folha de rosto: Capa da 1ª edição de *Medicina Caseira*, comemorativa do cinquentenário de fundação da Casa de Juvenal Galeno - Editora Henriqueta Galeno, 1969.

Foto de orelha: Objetos de Juvenal Galeno (vidraria utilizada para produzir suas mezinhas e caderno-índice de anotações de Galeno), acervo da Casa de Juvenal Galeno (foto: Raymundo Netto)

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

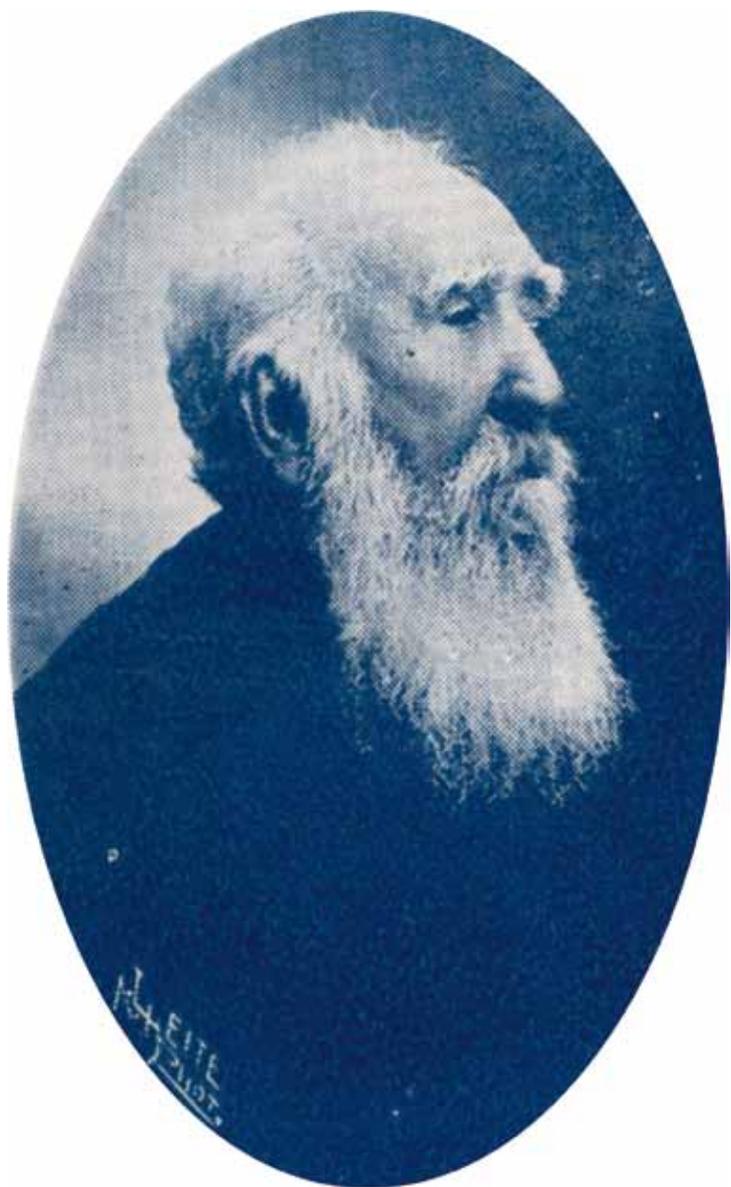
Catálogo na Fonte

G 15 f Galeno, Juvenal
Medicina Caseira./ Juvenal Galeno.- Fortaleza:
Secult, 2010.
192 p. :il.

ISBN: 978-85-7563-594-0

1. Literatura- poesia 2. Rima poética
I. Título

CDD: 8o8.1



Juvenal Galvez

JUVENAL GALENO

MEDICINA CASEIRA



ÍNDICE

Retorno às Origens	15
Apresentação à 1ª Edição	19
Aos Leitores	31
Pós-Escrito.....	33
Prelúdio.....	34
Plantas Úteis	35
O Alho	37
A Cebola	38
O Limão	39
A Bananeira	40
O Cação-Lixa	41
Azeite Doce	42
A Alimentação	43
Quiabo.....	44
O Leite.....	45
O Açúcar	46
O Coco.....	47
O Arroz.....	48
O Milho	49
O Mingau	50
O Angu	51
O Sal.....	52
Os Ovos	53
A Rapadura	54
Alface	55
O Ácido Fórmico	56
Samambaia	57

O Fedegoso.....	58
O Anguzô	59
O Chá	60
Canela	61
Coalhada	62
Erva-Cidreira.....	63
O Mamoeiro	64
Manjerioba.....	65
O Velame	66
Angélica-do-Mato	67
O Mel de Abelhas.....	68
Ainda o Mel de Abelhas.....	69
O Jenipapo	70
A Goiabeira	71
O Matapasto.....	72
O Ananás	73
O Fumo	74
O Cravo-do-Reino.....	75
A Mandioca.....	76
O Alecrim.....	77
O “Retirante”	78
Andiroba	79
A Pitangueira	80
Maracujá	81
A Laranjeira	82
Os Ossos.....	83
O Álcool	84
O Enxofre.....	85
O Estômago.....	86
O Angico	87
A Arruda	88

Alfazema	89
Ateira.....	90
Algodoeiro.....	91
Araticum	92
Araruta.....	93
A Cajazeira	94
Carrapateira.....	95
O Cafezeiro	96
O Abacateiro	97
A Manga	98
Papaconha.....	99
O Abacaxi.....	100
Catuaba	101
O Caju	102
A “Ligeira”.....	103
As “Corriqueiras”	104
O “Torrado”	105
O Querosene	106
Um Conselho	107
Banhos de Mar.....	108
Diabete.....	109
As Sezões	110
Dores de Dente	111
A Creolina	112
Preservativos e Remédios.....	113
Imprudência	114
A Quebradeira.....	115
O Coração.....	116
O Fígado.....	117
Conselhos.....	118
A Soberba.....	119

Ambição	120
A Preguiça.....	121
O Trabalho	122
O Ciúme	123
O Contágio	124
O Abacateiro	125
A Batata.....	126
A Prece	127
Erva-Doce	128
O Torém	129
Inhame.....	130
As Pimentas	131
Macela.....	132
Língua-de-Vaca.....	133
O Mentruz.....	134
Sapota e Sapoti	135
O Tomate.....	136
Girassol	137
Melão-de-São-Caetano.....	138
Parreira Brava.....	139
O Jucá	140
Urucu	141
O Banho	142
A Malícia.....	143
A Roupa.....	144
O Mau-Olhado	145
O Sabão	146
Marianinha	147
A Felicidade.....	148
O Fastio	149
Gengibre	150

Jerimum.....	151
O Figo.....	152
Mulungu.....	153
Muçambê	154
Sabugueiro	155
A Maritacaca.....	156
A Morte	157
Ser Feliz?	158
A Mudança.....	159
O Luxo.....	160
Coragem.....	161
O Pilão.....	162
Conversando	163
Fortificantes.....	164
Vida Alegre	165
O Vagabundo.....	166
O Castigo.....	167
O Ócio	168
Riqueza Fácil.....	169
À Guisa de Sermão	170
Meditando.....	171
Conclusão.....	172
Despedida	174
Apêndice	175
Medicina Caseira: tempo vivido, tempo escrito	177

RETORNO ÀS ORIGENS

A publicação, pela Secretaria da Cultura do Estado, de ***Juvenal Galeno: obra completa*** pretende iniciar uma nova fase na vida da famosa Casa que leva seu nome. Criada para preservar a memória do poeta, a Casa de Juvenal Galeno terminou por assumir, ao longo do tempo, outras funções que a levaram a pôr em plano secundário a política literária nacional-popular do autor de *Lendas e Canções Populares*.

Se essa política literária cumpriu, na origem, um papel decisivo na formulação de uma autêntica literatura nacional, como, na segunda metade do século XIX, buscou demonstrar o crítico Araripe Júnior em duas famosas cartas (a primeira, sobre a “literatura brasílica”, de 1869, e a segunda, sobre “A poesia sertaneja”, de 1875), agora, sob o impacto da “globalização” imperialista, ela readquire flagrante atualidade diante do avasalador “jugo de estrangeiras emoções”.

E foi o próprio Juvenal Galeno um dos primeiros a formular os fundamentos dessa então nova política literária. Na nota de introdução que escreveu para o livro *Lendas e Canções Populares* (1865), assim os exprimiu:

Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o Império – pugnando pela liberdade e reabilitação moral da pátria, encarada por diversos lados, – em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes de seus próprios versos.

Se consegui, não sei; mas para consegui-lo procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver, e então, nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouvi e decorei seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias – aprendi seus costumes e superstições, falei-lhe em nome da Pátria e guardei dentro em mim os sentimentos de sua alma, – com ele sorri e chorei, – e depois escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que me dizia, o que me inspirava.

Não se limitou, porém, o nosso poeta a tratar a questão no terreno puramente antropológico. Sua concepção de política literária contempla a dimensão do engajamento sociopolítico, numa atitude que o singulariza entre os que, à época, propugnavam pela construção de uma literatura “brasílica”:

Chorei a sorte do povo, que nas ruas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que ele ignorava seus direitos, lhe expliquei; vendo-o no sono fatal da indiferença, despertei-o com maldições ao despotismo e hinos à liberdade, — e estimulei-o comemorando os feitos dos mártires da Independência e de seus grandes defensores, — preparando-o assim para a reivindicação de seus foros, para a grande luta que um dia libertará o Brasil do jugo da prepotência, e arrancará o povo das trevas da ignorância, e dos grilhões do arbitrio.

É a esses valores que se pretende fazer a Casa de Juvenal Galeno retornar agora, após a reforma e ampliação que o Governo do Estado promove. O novo programa da SECULT de apoio à cultura popular cearense, cumprindo as diretrizes de governo do então candidato Cid Gomes, concretiza tais valores com a

criação de uma rede de instituições que inclui, além da **Casa de Juvenal Galeno**, o **Memorial Patativa do Assaré**, restaurado e ampliado; o **Memorial do Poeta Agricultor Patativa do Assaré**, instalado na Serra de Santana; o **Memorial Cego Aderaldo**, em Quixadá; a **Lira Nordestina**, em Juazeiro do Norte, em parceria com a Prefeitura do Município e a Universidade Regional do Cariri; o **Centro Histórico-Cultural do Caldeirão**, em parceria com a Prefeitura do Crato; os **Memoriais das Culturas Indígenas**, o primeiro dos quais a ser instalado na Casa de José de Alencar, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e a Federação das Indústrias do Estado do Ceará; o **Memorial dos Quilombolas**; os **Museus de Arte e Cultura Populares**, no Centro de Turismo de Fortaleza; **Arte Sacra Popular**, no Cariri, e do **Ex-Voto**, em Canindé; e, finalmente, a **Universidade Popular dos Mestres da Cultura Tradicional**. Outras instituições igualmente necessárias para a preservação e difusão das culturas populares do Ceará estão em estudo pelo corpo técnico da SECULT e entidades da sociedade civil local.

A necessidade da intervenção do poder público como suporte institucional dessa esfera de nossa cultura é não só obrigação constitucional do Estado, mas encontra respaldo na opinião de renomados estudiosos, como Tristão de Athayde, que, já em 1928, destacava: “Se o povo, mas que as gerações cultas, participa da natureza e das condições ambientes, nenhuma terra mais propícia à poesia popular que o Ceará”.

Auto Filho

Secretário da Cultura
do Estado do Ceará

APRESENTAÇÃO À 1ª EDIÇÃO

A deduzir das datas que, descontínuas embora, balizam os originais da *Medicina Caseira*, foi esta obra poética realizada em espaço de tempo muito exíguo. Juvenal Galeno a produziu, possivelmente, em cerca de dois meses. Não mereceria o fato maior destaque, fosse o autor moço e estivesse em plena fase produtiva de estuante atividade. Longe disso, octogenário, cegara doze anos antes. Óbices não despiciendos sem dúvida, para tarefa a exigir perfeita lucidez e privilegiada memória. Diga-se a propósito: e espírito de síntese também. Pois haveria necessidade de condensar em quatro quadras, de cada vez, múltiplas virtudes terapêuticas relacionadas a nomes eruditos e estrambóticos doutras tantas enfermidades, nem sempre suscetíveis de rima harmoniosa para ouvido exigente. Seriam necessários, finalmente, conformação e otimismo que doze anos de cegueira não tivessem arrefecido.

Na época em que grande parte dos remédios, prescritos pelos médicos, eram drogas vegetais ou princípios ativos delas extraídos, a *Medicina Caseira* por certo não suscitaria, de gregos e troianos, sérias objeções. Não se sentiria, pois, inibido o vate quando decidiu transfundir, em versos, intenção altruística de levar, aos enfermos, lenitivo nos momentos cruciantes de aflição e angústia. Desconhecemos, porém, os motivos por que, olvidado, permaneceu o manuscrito em ineditismo quiescente durante cinquenta anos. É verdade que nada perdeu por esperar. Ao contrário: adquiriu nova dimensão em profundidade. Aquilo que alguns de seus coevos — os invejosos a que faz menção no “Prelúdio” — talvez rejeitassem como supérfluo, é hoje estimado como valioso subsídio para o folclore nordestino. Riquíssimo filão a ser, ainda, convenientemente explorado.

Juvenal Galeno aconselhou o uso de mais ou menos cento e vinte mezinhas para conjunto doutras tantas entidades mór-bidas, síndromes, sintomas e sinais. Não o fez segundo critério habitual: o de arrolar, de permeio a exorcismos, quantidade avassaladora de mezinhas inconsistentes e aberrantes do bom senso, em contraste com número ínfimo doutras, de eficácia comprovada. Esquivou-se, por exemplo, de inventariar a nauseante espurícia de fezes caninas como “específicas” do sarampo. Indicou, para essa virose, o infuso de sabugueiro, então aceito por médicos e leigos. Não admitiu, tampouco, o absurdo misticismo de “rezas” pueris para debelar a *isipra*. Foi buscar na flora nordestina a andiroba, o algodoeiro e o urucu para combater a erisipela, como corretamente lhe chamou. Para o Poeta, portanto, a matéria-prima da *Medicina Caseira* — fazendo jus ao nome — deveria estar à mão no quintal, na despensa, na cozinha.

Nesta singular farmacopeia empírica avultam em número — como seria de esperar — os agentes medicamentosos vegetais, policrestos em sua maioria. Dos de origem animal, o único a lembrar crassidade vitanda: as “pílulas” de teias de aranha, insólita medicamentação antimalárica. Uma dúzia de substâncias medicamentosas de fácil aquisição na botica mais próxima: inorgânicas umas — calomelano, brometo de potássio, enxofre; orgânicas outras — antipirina, creolina, quinina. Completariam o arsenal terapêutico domiciliar alguns alimentos usados com finalidade medicatriz: angu, arroz, mingau, rapadura.

Escoimando assim a medicina caseira, tanto quanto possível, de agentes medicamentosos nóxios e práticas inoportunas, o vate quase conseguiu harmonizar o empirismo popular com o que não contrariasse, frontalmente, os cânones da Medicina contemporânea. Aspirava, quiçá por intuição, a regra-de-ouro hipocrática do *primum non nocere*. Além disso, através de conselhos de higiene pessoal e coletiva, assim como de preceitos

éticos, colimava o desiderato clássico do *mens sana in corpore sano*. E porque as mezinhas com frequência falhem e a própria ciência médica, amiudadas vezes, confesse sua impotência, não esqueceu Juvenal Galeno para tal conjuntura — e Alexis Carrel o teria subscrito — “remédio poderoso que cura muito doente”: a prece fervorosa.

Ditou o bardo à esposa e à filha Henriqueta, sua secretária, os versos da *Medicina Caseira*. Neles, as datas sotopostas a muitas quadras, mas especialmente as referências à pandemia de gripe e ao kaiser Guilherme II, não deixam sombra de dúvida que os compôs quando a Primeira Grande Guerra estava vivendo seus últimos dias. Nessa época, o bloqueio da navegação mercante dos aliados, consequência da campanha submarina desencadeada em 1917 pelos alemães, não poderia deixar de repercutir desfavoravelmente em nosso País também. Ainda não eram, aqui, produzidos os medicamentos que a indústria farmacêutica europeia estava então impossibilitada de nos remeter. Daí o imperativo da redescoberta e procura (na opulenta flora, principalmente) de drogas que, por suas propriedades terapêuticas, pudessem suprir a escassez aguda dos fármacos de além-mar. É exatamente o que retrata a *Medicina Caseira*: o quiabo, a substituir a linhaça; a alface, a ser usada ao invés do ópio; o matapasto, a fazer as vezes da sene; o óleo de fígado de cação-lixia, a ser empregado como sucedâneo do de bacalhau. Assim também a coca, o eucalipto, a mostarda, a quina, a arnica e o castóreo encontrariam aqui seus símiles, respectivamente, na catuaba-do-cariri, no pau-ferro, na pimenta, na parreira brava, no jucá, na maritacaca. Outro exemplo expressivo: lembra o poeta que a nata proveniente da coalhada substitui, com vantagem, a manteiga-de-lata. Aludia indubitavelmente à que, na *belle époque*, vinha importada da França... Cabe, aqui, observação pertinente: o vate sempre dera provas de ser nacionalista sincero. Nas *Lendas e Canções Populares*,

dadas a lume em 1865, sobejam exemplos nesse particular. Não faltaria portanto, na *Medicina Caseira*, exemplo típico também: parece ter-lhe repugnado a expressão *retirada* (referia-se à da Laguna, imortalizada por Taunay), pois preferiu contorná-la com o eufemismo *passagem*. Mas Juvenal Galeno era, sobretudo, regionalista intransigente. Não satisfeito com as substituições de mezinhas importadas do exterior, procurou também assinalar sucedâneos para as que, por este ou aquele motivo, proviessem doutras províncias do País. Observe-se a ênfase com que declara ser o óleo de andiroba, oriundo do Pará, agora aqui fabricado. Note-se a preocupação de sublinhar que o exótico “retirante”, fortuitamente para aqui transplantado, nenhuma vantagem ofereceria sobre o carrapicho-de-praia, autóctone e abundante na zona litorânea cearense.

Assim, foi coerente consigo mesmo Juvenal Galeno ao manifestar propósito de difundir, através da juventude nas escolas, o uso de remédios que nos emancipassem de tutela alienígena. Pois, a essa e outras, sempre tivera indisfarçável ojeriza. Ter-se-ia, no crisol das condições impostas pela Primeira Grande Guerra, operado fusão dos sentimentos nacionalista e regionalista no espírito do bardo? Fato é que deu mostras de ter percebido, enfim, chegada a oportunidade providencial que urgia aproveitar. Valer-se-ia, como deixou bem claro, do exemplo americano e, no setor da medicina popular, divulgaria conhecimentos úteis através de versos que desejava fossem cantados ao som da viola. Falaria assim mais de perto à receptividade do povo de sua terra, tradicionalmente afeito a esse tipo de comunicação, tanto no recesso dos lares como no burburinho das feiras.

Não é hoje necessário ser médico para surpreender, na leitura da *Medicina Caseira*, heresias científicas que tornariam perigosa — em certos casos, funesta — a aplicação de muitos ensinamentos aí contidos. Mesmo há cinquenta anos os esculápios

não acreditariam na “cura de qualquer impaludismo pelo limão” e o próprio Juvenal Galeno o confirma. Também não admitiram a destruição do vírus da raiva pelo sal de cozinha, embora o conceito de “vírus filtrável”, da época, fosse apenas teórico. Os médicos de então considerariam absurda a cura da lepra pelo caju ou pelo inhame e a da tuberculose e varíola pelo mel de abelhas. Contraindicariam formalmente a fricção, com flanela, do fedegoso para curar o tétano, pois saberiam que essa prática inconsequente iria exacerbar as contraturas. Mas... o aedo não era médico. Aos oitenta e dois anos, cerceado pela cegueira, teria que reproduzir o que, desde a mocidade, colhida e acumulara de tradição popular e complementara pela leitura do Chernoviz e de jornais, havia então, pelo menos, cinco decênios. Temos, portanto, na realidade, estereotipada nos versos de Juvenal Galeno a medicina popular cearense dos dois últimos quartéis do século XIX. Não obstante, há nessas quadras afirmações que o facultativo hodierno não hesitaria subscrever *in totum*: o limão previne e cura o escorbuto; o óleo de fígado de cação-lixia substitui o de bacalhau; o látex do mamoeiro digere as proteínas; o quiabo possui substância mucilaginosa análoga à da linhaça; o álcool etílico pode ser usado, em compressas, para baixar a temperatura alterada pela febre; não podem ser usados, como sinônimos, os termos *diarreia* e *desintéria*; a mão suja é um dos fatores preponderantes na transmissão de doenças infecto-contagiosas; para evitar distúrbios na digestão gástrica, “o melhor, com certeza, é tomar a refeição em hora certas, marcadas, sem raivas na ocasião”.

Apesar de ter o famoso livro Chernoviz grande apreço — por três vezes fez-lhe referência nominal — não se limitou o vate a essa “fonte perene do saber”. Recorria frequentemente a artigos publicados em jornais da província e, às vezes, da Corte. São inequívocas, neste particular, suas alusões a “gazetas” que

elogiavam ou preconizavam sem ambages determinada meizinha, e a “jornais desta Nação” que publicavam notas sobre remédios caseiros. Na segunda metade do século passado era hábito médicos de nomeada — anonimamente ou não — ou o próprio jornalista divulgarem a título filantrópico, nos periódicos, suas experiências ou as de outrem com tal ou qual meizinha. O Poeta recortava muitos desses artigos e os colava num caderno-índice, ainda hoje conservado com muito zelo por sua neta Cândida Galeno. Essa coletânea foi importante manancial a cujos dados o bardo constantemente recorria para ilustrar as estrofes da *Medicina Caseira*. Demais, eram-lhe familiares algumas publicações de botânicos de renome. A um deles, Francisco Freire Alemão Cisneiros, conheceu pessoalmente. Martius e Almeida Pinto foram os cultores da *Scientia amabilis* de quem referiu trabalhos concernentes à angélica-do-mato e melão-de-são-caetano, respectivamente. Foi mais prolixo quando citou a comunicação que, sobre a catuaba, Freire Alemão enviou do Crato a João Brígido em fevereiro de 1860. Não se restringiu, porém, a citações. Criticou, a propósito da *Cassia occidentalis L.* (chamada fedegoso na Bahia), e do fedegoso do Ceará (crismado crista-de-galo pelos baianos), a confusão gerada pela pluralidade da sinonímia vulgar dessas plantas. Em 1845 houve o transplante clandestino — se assim é lícito dizer — do picão-da-praia (aqui logo alcunhado “retirante”), trazido do Sul para o Ceará. Em “balas de mantimentos”, assinala Freire Alemão; em fardos de charque, registra Juvenal Galeno. Seria então, o “retirante”, símile nordestino da labiada *Leonurus sibiricus*, que (afirmava Heitor Luz) surgiu na ilha de Santa Catarina como planta-de-lastro originária da Rússia. Exemplos interessantes, ambos, para os que procuram esmiuçar questões atinentes à Geobotânica... Ainda a respeito da Fitologia, alegou Juvenal Galeno não ter sido ainda descrita a samambaia do Ceará. Afirmou que “a do Sul é

outra coisa, dizem não ser parasita”. Queria o poeta referir-se à epífita *Tillandsia usneoides* L.?. Esta bromeliácea, conhecida como “samambaia” pelo povo cearense, é por ele tida, erroneamente, como parasitária.

A *Medicina Caseira* é precioso repositório de informações folclóricas. O poeta foi colhê-las na fonte, em contato diuturno com o povo. Ora um pajé lhe ensinou determinada meizinha; ora alvitrou-lhe o uso doutra, sua lavadeira. Lembra que a “comadre”, isto é, a parteira, chama “dores de madre” à metralgia. Mas o maior número de citações é impessoal, coletivo: o *povo* deu o nome ao “retirante”; “ligeira” é o apelido com que crismou o *povo* certa enteropatia; determinada meizinha é a que, para tosse, o *povo* ensina; à ipecacuanha chama, o *povo*, “papaconha”. O *povo* do Ceará, é claro, de cujo convívio ele privou: o jangadeiro da praia, o vaqueiro do sertão, o apanhador de café serrano. Por isto, a cada passo topamos com expressões regionais. Algumas ainda usadas, obsoletas ou de há muito esquecidas outras. No âmbito das doenças deparamos com *almoreimas* (hemorroidas), *belidas* (manchas esbranquiçadas da córnea, leucoma, *Blenorreia* (blenorragia crônica), *colerina* (forma frusta de cólera-morbo), *dores de madre* (metralgia) e *urinas doces* (diabete). Eram expressões correntes no século XIX, tanto no Ceará como no resto do Brasil. *Bailarina* evoca a pandemia de gripe de 1918-1919, e *beribéri* e *escoburto* relembram como ainda há meio século eram frequentes e graves essas disvitaminoses. São regionais e hoje desusadas as expressões *ligeiras* (talvez shigeloses) e *corriqueiras* (dores reumatóides itinerantes, provavelmente mialgias). Regional também, mas em pleno uso ainda, a voz *puxado*, que é como o povo, no Ceará, denomina a asma. Tabus linguísticos: os “males do pulmão”, as “doenças do peito”, as mezinhas aconselhadas “para quem sofre do peito”. Temia o povo pronunciar a palavra *tuberculose*, temor que aliás, ainda hoje persiste..., Das

mezinhas, o nome *papaconha* é visivelmente corrutela de “ipe-cacuanha”, um tanto complexa para ouvido e órgãos de fonação populares. Fora do âmbito de doenças e remédios, encontramos mencionados: a *quenga*, vasilha ou cuia correspondente à metade do endocarpo do coco; o *torrado* espécie de rapé ainda hoje de alguma aceitação popular, principalmente entre os velhos; o *cacete-de-jucá*, temível arma de valentões que o brandiam como último argumento para desmanchar arrasta-pés e feiras; os *quiosques*, pequenos pavilhões encontradiços nas praças brasileiras do fim do século [XIX] passado e primeira década do atual [XX], nos quais, registra o poeta, eram também vendidas mezinhas no Ceará.

É porém, na citação de alimentos e bebidas que se patenteia a riqueza de citações folclóricas. Não faltam aí os nordestinos *angu*, *anguzô*, *arroz-de-leite*, *beiju*, *bolos de carimã* e *mandioca*, diversas variedades de *cuscuz*, *gemada* e *mingau de carimã*. Mas também são mencionadas a *paçoca*, a *tiquara*, a *tumbança*, e a *jenipapada* de uso mais circunscrito. O bardo, parece, não era apreciador da feijoada; em duas ocasiões fez-lhe observações restritivas. Das bebidas, além do *aluá* e *cajuada*, merecem destaque a “garapa” de *jenipapo* e o “bitter” de *manjerioba*, este último sucedâneo — mais uma vez: sucedâneo! — de aperitivos amargos, ingleses ou alemães. Como dados folclóricos merecem citação ainda o componente místico de superstições e o conceito, de há muito posto de lado, de emanções miasmáticas. Assim, o vate faz referência à suposta sensibilidade da arruda para “mão de sinistra gente”. Estabelece nexos de causa-e-efeito do mau-olhado com “tristezas histéricas” (psicose maníaco-depressiva?). Alega, como causa determinante de certas doenças, miasmas. Especificamente, a *miasmas paludosos*. Curioso e com características medievais o emprego do enxofre como preventivo da peste.

Juvenal Galeno conceituou o mau-olhado do ponto de vista espírita. Fê-lo por convicção, pois era — as informações que colhemos o confirmaram — adepto da doutrina kardecista. Nela deve ter procurado, e possivelmente encontrado, justificativa para sentir-se merecedor da provação que sobre ele se abatera. Tudo nos induz a crer que recebeu humilde e resignadamente a lenta e gradativa perda de visão, que sabia irreversível e que, requinte de crueldade do destino, ocorreu quando era diretor da Biblioteca Pública do Ceará. Aceitou o Poeta, como expiação que cumpriria sem revolta, essa inexorável sentença. Não é difícil encontrar, na *Medicina Caseira*, trechos que denotam a enorme influência que, nessa fase de vida, o espiritismo exerceu sobre a personalidade de Juvenal Galeno. As estrofes de “Coragem!” são verdadeira profissão de fé ao credo codificado por Allan Kardec e em muitos versos encontramos, esparsas, sentenças doutrinárias do que o Poeta chamou “santa Filosofia”.

Teria a seca de 1915 influenciado a atitude mental do Poeta a ponto de imprimir-lhe, nos versos, a tônica da parcimônia? Ou seria isso consequência natural da senectude? O certo é que pontilham a *Medicina Caseira*, aqui e acolá, expressões que lembram aos leitores a utilidade, “nestes tempos de penúria”, de mezinhas que, de tão baratas, “não mexem na magra sacola da pobreza”. Aconselha o dentifrício de carvão vegetal, obtido da quenga — substituto do de Belloc, então muito em voga — porque “não custa um tostão”. Sugere água açucarada e limonada fria ou quente “em vez de cara cerveja”. Insere o tema em notório brocardo popular: “Romaria boa faz quem, com muita economia, vive em sua casa em paz. Dedicada à *quebradeira*, quatro quadras...

A despeito de suas imperfeições a *Medicina Caseira*, ainda hoje, representa valor extraordinário como produção intelectual. Valor que é preciso procurar no contexto, para ser bem compreendido. E que depreende em parte dos índices remissivos que,

sob a epígrafe “Adenda”, incluímos no final do livro [a 1ª edição, excluída nesta edição]. Está aí fracionada, em seus componentes fundamentais, a obra. Desdobramento analítico que nos permite captar, de relance e em sua essência, a complexidade do assunto que o poeta submeteu à metrificação. Não fossem versos, e nem por isso seria inferior seu mérito: podemos aí perceber, em sua plenitude, o quanto foram admiráveis a retentiva e agilidade da mente octogenária que se não perdeu no denso cipoal de nomes botânicos e termos médicos.

O exclusivo exame analítico do trabalho, entretanto, pecaria pela unilateralidade. Mister se faz apreciá-lo como um todo. Visto assim de corpo inteiro, salta aos olhos estar impregnado de componente sociológico que identifica, de modo inconfundível, uma época. Tempo em que o povo se agarrava aos mais estapa-fúrdios recursos para não deixar sem tratamento muitas doenças que os mais doutos esculápios — aqui e alhures — desconheciam completamente ou não sabiam tratar de modo adequado. Tempo em que não poucas vezes os próprios médicos aceitavam, por falta de melhores, os remédios que o uso popular consagrara. Pois é nesse tempo, e no Ceará, que Juvenal Galeno fixa usos e costumes, expressões idiomáticas, alimentos, bebidas e principalmente mezinhas que o progresso de nossos dias vai célere e definitivamente fazendo desaparecer. Assim considerada, seria então a *Medicina Caseira* o *missing link*, o elo perdido a completar as anteriores publicações folclóricas do bardo, nas quais ainda não fora cogitado o importante aspecto nosológico. Por isto merece agora sem restrições o qualificativo de *única* — que Renato Braga lhe conferiu — a obra pioneira de Juvenal Galeno no folclore brasileiro.

Seria lícito sorrirmos, com superioridade, das mezinhas aconselhadas pelo vate? Recordemos que é de nossos dias a ce-leuma, de repercussão nacional, em torno do ipê roxo... Seria

possível encontrar hoje quem versejasse acerca de mezinhas como o fez, há meio século, Juvenal Galeno? A resposta é afirmativa. Ao príncipe dos poetas brasileiros — Guilherme de Almeida — acometido de uremia, foi remetida em junho deste ano, sob a forma de quadras, “receita” singular. Nesta eram preconizadas, para prolongar-lhe a vida de *imortal*, carambolas e erva-mate...

Estamos na era da cibernética e da telemedicina espacial. Pouco importa. Se muitos milênios nos separam mentalmente da época do homem paleolítico, do ponto de vista emocional escoaram, desde então, apenas alguns segundos. Reconhecendo-o, talvez nos tornemos mais compreensivos e, por isto, mais humanos.

*Oswaldo Riedel**

* *Farmacêutico, médico, militar, membro do Instituto do Ceará (ocupou a cadeira que pertenceu a Dolor Barreira) e de diversas agremiações científicas e culturais, além de integrante do primeiro Conselho Estadual de Cultura do Estado do Ceará (1966)*

Aos Leitores

É costume americano
Constante divulgação
Dos úteis conhecimentos,
No meio da multidão.

Um exemplo proveitoso
Ninguém deve desprezar.
Procuro, pois, escrevendo,
O que sei vulgarizar.

Agora, caros leitores,
Acabada a explicação,
Falemos de minha obra.
Eis a sua introdução:

Estes versos tão singelos,
Compostos para viola,
Podem ser aproveitados
Por meninos numa escola.

Ensinam muitos remédios,
De graça, quase de esmola:
A pobreza não precisa
Mexer na magra sacola.

No campo, principalmente,
Onde não há boticário
E nenhum facultativo,
São mais úteis que um rosário.

E, na cidade, de noite,
Quem precisar de meizinha,
No seu quintal a procure
Ou na despensa ou cozinha.

Que muitas plantas nos curam
E muitas coisas também:
Quando Deus fez este mundo
Não se esqueceu de ninguém.

Pós-Escrito

Da gente da minha terra
É usança inveterada,
Depois de longa palestra,
Dar, saindo, outra maçada.

E por isso, meus leitores,
Tendo na mão meu chapéu
E já na porta da rua,
Ouvi-me, por Deus do Céu:

Oitenta e dois anos tenho,
Os quais me dão o direito
De pedir que dos meus versos
Desculpeis qualquer defeito.

E como não há um velho
Que não seja curandeiro,
Eu vos ensino remédios
Que não vos custam dinheiro.

4 de novembro de 1918

Prelúdio

Poetas há na cidade,
Poetas por toda a parte,
Dedilhando as suas liras,
Com ternura, engenho e arte.

Aqui, um canta venturas,
Ali, um chora saudoso...
E, louco pelos ciúmes,
Troveja outro raivoso.

São todos poetas da Lua,
Descantando os seus amores:
E eu quero ser o do corpo,
Meizinhando as suas dores.

Que importa que os invejosos
Afirmem que eu faço asneira?
Eu os desprezo e prossigo
Na “Medicina Caseira”...

Plantas Úteis

Veio um dia visitar-me
Um compadre, lá do mato,
E sentou-se de mim perto,
Parecendo estupefato.

Deixei que mirasse a sala
E também o grande espelho,
E, conversando, eu lhe disse:
— Compadre, tome um conselho:

Juntinho de sua choça,
Faça um pequeno cercado
E cultive plantas úteis,
Com amor e com cuidado.

Manjericão, alfavaca,
Alecrim, erva-cidreira
E mentruz e malvaísco,
E também a pitangueira.

E outras plantas, compadre,
Que nos servem de meizinha,
Pois para aguá-las não falta
Água na sua cozinha;



Água com que lava os pratos,
Água com que lava o rosto,
E seus pés e suas mãos,
E mais outras de seu gosto.

Pois quem despreza essas plantas
E delas não tem cercado,
Ou é muito preguiçoso
Ou bastante descuidado.

O Alho

O alho, caros leitores,
Na caseira medicina,
É remédio excelente
Para gripe ou *bailarina*.

Usado pelos antigos,
Como chá ou cozimento,
Cura febres, cura as dores
De qualquer resfriamento.

Cura a tosse, a coqueluche,
Coriza, asma ou puxado,
E de tudo isso preserva,
Na comida sempre usado.

Nestes tempos de penúria
A bolsa não entisica
De quem as contas não paga
Do doutor e da botica.

20 de outubro de 1918

A Cebola

A cebola cura a tosse
E a cebolinha também,
Feitas melaço, às colheres,
Não fazem mal a ninguém.

Comida crua e com leite,
Cura toda hidropisia;
Faz urinar quem precisa,
Logo a bexiga esvazia.

No leicença, em cataplasma,
É remédio aconselhado.
Seu uso, durante a cólera,
Foi muito preconizado.

Cura qualquer panarício,
Assada e quente aplicada.
Para o baço, rins e fígado
Ela foi sempre indicada.

Outubro, 1918

O Limão

Microbicida excelente
É, com certeza, o limão;
Cura a mordida das cobras,
No café, cura a sezão.

Previne e cura o escorbuto,
O crupe, mal da garganta,
E também na hidropisia
Dizem ser meizinha santa.

Amacia a pela e a cútis
O sumo, sendo empregado,
E qualquer impaludismo
Por ele é sempre curado.

O cozinheiro o emprega,
Para as carnes sanear,
E a semente triturada
Com água faz urinar.

20 de outubro de 1918

A Bananeira

Das flores da bananeira
Os olhos cura a infusão,
E o xarope é bom remédio
Para os males do pulmão.

E a água ou suco do tronco
Cura sempre as leucorreias,
Indigestões e fastio,
Dos tísicos a diarreia.

Banana curta chamada
Banana de São Tomé,
Aproveita aos esgotados,
Serve as papas do bebé.

Dizem que, no Paraíso,
Numa certa ocasião,
Das folhas fizeram roupa,
Não só Eva, mas Adão.

O Cação-Lixa

Em nossos mares, leitores,
Muitas vezes é pescado
O cação, que chamam lixa,
Pouco ainda aproveitado.

Pois sendo enorme seu fígado,
Óleo dá em quantidade
Ao do bacalhau, por certo,
Vencendo na qualidade.

Ambos têm o mesmo emprego:
Sempre para escrofulosos,
Para as doenças da pele
E para tuberculosos.

Quem tomar do cação-lixia
O óleo, na refeição,
Em pouco tempo, asseguro,
Ficar forte e gordo e são.

Novembro de 1918

Azeite Doce

O óleo das oliveiras,
Azeite doce chamado,
Não só no batismo e crisma
É remédio muito usado.

Da bexiga e rins expele
Pequenas pedras, areias,
E quente, no reumatismo,
É aplicado a mãos cheias.

Uma colher das de sopa
Cura sempre o resfriado,
E, tomado em maior dose,
Aproveita ao constipado.

Alivia, muito quente,
As pontadas do pleuris;
Sem ele não há salada,
São coisas que o povo diz.

A Alimentação

Pensem, caros leitores,
Em nossa alimentação:
A carne é própria dos tigres,
Ao homem basta o feijão.

Com legumes e batatas
E frutas que cultivamos
Melhores coisas, querendo,
Nos vegetais encontramos.

Cuscuz de milho com coco
E bolo de mandioca,
Para o café matutino,
Melhores são que paçoca.

No paraíso terrestre,
Ao despontar da manhã,
Eva almoçava bananas
E Adão comia maçã.

Outubro de 1918

Quiabo

Da família das malváceas
É o que chamamos quiabo,
No cozido, saboroso,
Só não o afirma o diabo.

É muito útil na sopa,
Machucado, no pirão,
Porque cura, com certeza,
Sempre do ventre a prisão.

Substitui a linhaça,
Aplicado num tumor,
Porque dispensa a lanceta,
Evacuando-o sem dor.

Sem ele, a velha Bahia
Não tem o seu caruru,
Que o substitua, querendo,
Por seu gostoso chuchu.

22 de outubro de 1918

O Leite

O leite é bom alimento
Decerto, sem exceção:
Para adultos e crianças,
Ninguém o dispensa, não.

Ele cura a hidropisia,
Com cebola misturado;
Para quem sofre do peito
Sempre foi aconselhado.

É útil, no beribéri,
E salutar, na anemia.
Aos magros muito aproveita,
Tomado durante o dia.

Mas quem o quiser perfeito,
Vá invernar no sertão,
Que o da cidade é produto
Do caroço de algodão.

O Açúcar

O açúcar de beterraba
E o fabricado de cana
É com que todos adoçam
Seu café, chá ou tisana.

Mas antes, só das colmeias
Era o doce mel usado,
Hoje, apenas nas boticas
É ele sempre empregado.

E dizem da velha Europa
Que já tem sido notado
Que boa ração de açúcar
Bem forte torna o soldado.

Nas marchas de resistência,
O seu efeito é constante,
E, finalmente, leitores,
É muito fortificante.

O Coco

Na cozinha, o coco seco
É coisa mui necessária.
É meizinha aconselhada
Para expulsar solitária.

E a água de coco verde
É usada na medicina,
Na icterícia e cistite,
Clareando a turva urina;

E para curar enjoos
Do mar e da gravidez;
A digestão facilita,
Cura cirrose e acidez.

E como a polpa do fruto
É mesmo deliciosa,
Alegra até macambúzios
E acalma moça nervosa.

O Arroz

O arroz, caros leitores,
Nunca fez mal a ninguém,
É comida japonesa,
Daquelas terras de além.

A sua canja bem feita
É proveitosa ao doente,
Não a dispensa o sadio;
É ceia de muita gente.

O seu caldo, em muitos casos,
Tenho visto receitado.
Com arroz faz-se um petisco,
Arroz-de-leite chamado;

E cuscuz e muitos bolos
Que não encontram rivais,
Tem ele lugar distinto
No meio dos cereais.

O Milho

Somente não é remédio
A erva do prado ou planta,
É também o alimento
Que nossas forças levanta.

Angu de milho com leite
Para as doenças do peito,
E para os seus predispostos
É de excelente proveito.

Para o café matutino
Aos elogios faz jus,
Bem temperado com coco,
O saboroso cuscuz.

Com milho torrado é feito
Adoçado, o aluá.
Quem por ele não pergunta,
Nas festas do Ceará?

O Mingau

Para quem já não mastiga,
Coitado, por não ter dente,
E também para as crianças
O mingau é excelente.

Feito das melhores massas
Ou da boa carimã,
Pede o velho à sua velha
E o bebê pede à mamã.

E por ser emoliente,
Em bochechos bem salgados,
Cura inchações produzidas
Pelos dentes cariados.

E o de goma de araruta,
Mesmo da goma comum,
Adoçado é proveitoso
Nos defluxos, em jejum.

O Angu

Da farinha, meus leitores,
Que serve para o pirão,
Companheiro, no cozido,
Gostoso, na refeição.

Faz-se o angu muito usado
Por profanos e doutores,
Posto em cima da barriga,
Alivia as suas dores.

E as dos olhos, muito agudas,
De irites provenientes,
De pinhão com os caroços,
Na testa dos pacientes.

Com manteiga e ovos moles,
Tu és sublime, ó angu!
Tua fama vem de longe,
Desde o índio, o homem nu.

1º de novembro de 1918

O Sal

O nosso sal de cozinha
Não é só tempero, não:
Não o dispensa o vigário,
Quando batiza o pagão.

Ele destrói o veneno
Dos dentes de um cão danado,
E cura a tuberculose,
Todo membro machucado.

N'água quente, em pedilúvio,
Alivia o reumatismo,
Tem fama na congestão,
Como em qualquer traumatismo.

Conserva a carne, o toucinho,
Pois ele é grande antisséptico,
E numa boa pilhéria,
Afugenta qualquer cético.

Os Ovos

Moída a casa, com cera,
Usa-se em lábios rachados;
Da clara fazem colírios
Para os olhos inflamados.

A gema contém azoto,
É um remédio importante,
Com caldo, café ou leite,
É muito fortificante.

E sempre foi receitado,
Misturado com bom vinho,
Para a débil senhorita
E para o fraco velhinho.

É também aconselhado
Aos tristes tuberculosos;
E curam ovos de pata
Os malucos, os nervosos.

Outubro de 1918

A Rapadura

Com buchas de rapadura
Há quem cure as almorreimas
E sua prisão de ventre,
Ocultamente, sem teimas.

As raspas, nas mordeduras
Das aranhas venenosas,
Fazem com que, de repente,
Deixem de ser perigosas.

Com limão, água e farinha,
Eis a tiquara afamada,
Comida refrigerante,
Pelo povo muito usada.

E quando falta o açúcar,
É adoçante barato
E, com farinha, alimento
Da pobre gente do mato.

4 de novembro de 1918

Alface

A alface das nossas hortas
É do ópio sucedâneo:
Acalma dores e tosses,
Seu efeito é instantâneo.

Serve o chá das suas folhas
Para curar os nervosos,
E para banhar os olhos
Inflamados, dolorosos.

Quem o tomar, ao deitar-se,
Logo o sono concilia:
Galeno ceava alfaces,
Pois de insônia padecia.

As urinas facilitam,
E servem de laxativo;
Finalmente, em muitos males
Não há melhor lenitivo.



O Ácido Fórmico

Teve o seu tempo este ácido,
Que da formiga se extrai,
As gazetas, elogiando-o,
Aconselhavam: usai!

Pois aumenta as nossas forças,
Acaba com os cansaços,
Faz erguer enorme peso
Apenas com um dos braços.

Foi então grande a procura
E quem o não conseguia,
Com formigas na aguardente
O seu remédio fazia.

Portanto, aqueles que o buscam
Não mexam no seu dinheiro,
Pois o encontram de graça
No fundo do formigueiro.

Samambaia

O que chamam samambaia,
Nas serras do Ceará,
É um feto que se estende
Sobre o alto Piranhá.

A do Sul é outra coisa,
Dizem não ser parasita.
Mas falemos só da nossa,
Que ainda não foi descrita.

É pelo povo empregada,
Em pasta, no reumatismo,
Em chá, dizem, cura insônias
De quem sofre nervosismo.

Sob a funda, numa hérnia,
Há quem dela tenha usado,
E também quem afiance
Desse mal ter-se curado.

Novembro de 1918

O Fedegoso

Entre nós, o fedegoso,
(Lá, no Sul, crista-de-galo)
Que cura muitas moléstias,
Merece aqui lembrado.

Com ele fazem tisanas,
Tintura e vinho excelente
Para tosses e bronquites,
Sendo sempre eficiente.

Usado também no tétano,
Com flanela, nas fricções.
É calmante proveitoso
Nas anais inflamações.

É também um lenitivo,
Na tísica pulmonar.
Alivia da cabeça
Quem seu fumo respirar.

O Anguzô

Eis um caso interessante,
Que um amigo me contou:
Mandava certa mocinha
Vender-me seu anguzô.

Tornei-me freguês assíduo,
Comprando-o, para o café,
E como era gostoso,
Desprezei o pão até.

E pensando nas mãozinhas
De quem fazia o pitéu,
Fiz versos apaixonados
Ao novo anjinho do céu.

Mas curei-me do feitiço
Que a mocinha me botou,
Com feijão e banhos frios,
Mais não comi do anguzô.

O Chá

Esse chá, que sempre usamos,
Com torradas, todo dia,
De nossa própria bexiga
Muitas dores alivia.

Das areias e dos cálculos
É certo preservativo,
E também ele é remédio
Em muito caso aflitivo.

Alguém diz que lá, na Pérsia,
Não se conhece esse mal,
Pois o uso é mui frequente
Desse bom estomacal.

Bem útil, na colerina,
No paludismo também,
Antes de qualquer acesso
É bom tomá-lo, convém.

Canela

Essa casca preciosa,
Usada nos alimentos,
É demais aconselhada
Em muitos padecimentos.

Para os vômitos nervosos
É proveitoso seu chá,
Que também nas flatulências
E cardialgias se dá.

Nas febres é indicada
Para os convalescentes:
Meizinha fortificante,
Que se dá sempre aos doentes.

E dizem que também cura
Catarro dos intestinos,
E por seu gosto agradável,
É útil para os meninos.

Coalhada

Quem não está enjoado
Deste mundo dos enganos,
De noite, coma a coalhada,
Que viverá mais cem anos.

Mas a coalhada com soro,
Privada de toda a nata,
Dará uma boa manteiga,
Como outras que vêm em lata,

Manteiga muito gostosa
Para o pão do seu café.
Quem ceia, dizem, coalhada,
Dorme toda a noite, até.

É bom tomar a coalhada,
Embora não concordeis
Pelo menos, não há dúvida,
Bem depressa engordareis.

Outubro de 1918

Erva-Cidreira

Quem, no seu quintal, não planta
A santa erva-cidreira,
Fica muito receoso
Se sente dor corriqueira.

E manda logo à botica
Comprar água de melissa,
Sendo melissa a cidreira,
Só não a tem a preguiça.

O chá da cidreira, à noite,
Na hora de se deitar,
Livrando de pesadelos,
Risonho nos faz sonhar.

E é muito preconizada,
Na custosa digestão,
É remédio soberano
Quando vem a congestão.

Outubro de 1918



O Mamoeiro

A folha do mamoeiro,
Em chá, cura indigestão;
Quem sofre prisão de ventre
Deve comer o mamão.

Na panela do cozido,
O mamão verde aproveita,
Como contém papaína,
A digestão endireita.

O suco amolece as carnes
E as folhas, quando as envolve,
Com papa feita do fruto,
O suco o fleimão resolve.

E também com mel de abelhas,
Certo os vermes extermina
E das flores o xarope
Para a tosse o povo ensina.

Manjerioba

Da nossa manjerioba
As raízes machucadas
E fervidas curam febres,
E são muito aconselhadas.

E sobre açúcar queimado,
Curam tosse e rouquidão,
E o povo nunca as dispensa,
Quando trata o catarrão.

As mesmas, muito contusas
E postas em aguardente,
Nos dão um *bitter* barato,
Para o fastio, — excelente.

Quem dele toma um pouquinho,
Quando janta, limpa os pratos,
Sem pena da cozinheira,
Nem dos cachorros e gatos.

O Velame

Quem não conhece o velame,
O grande depurativo?
Muito empregado em xarope
E como bom purgativo.

Nos sertões, relatam curas
Que parecem milagrosas,
De famílias que comeram
As carnes carbunculosas.

Cura as chagas, cura cancro
E mazelas sifilíticas,
E sendo estas as causas,
Ele cura até as tísicas.

Em mordeduras de cobra,
Dos lacraus e das aranhas,
Tendo em frente a feia morte,
Ó, quantas vitórias ganhas!

Angélica-do-Mato

A raiz da nossa angélica,
Na Ciência: a *Guettarda*,
É remédio precioso,
Cujo efeito nunca tarda.

Durante a febre amarela,
Foi ela muito empregada,
Para curar diarreias
Por Martius foi indicada.

É remédio soberano,
Na febre puerperal:
Asseverou-me bom clínico
Que não conhece outro igual.

E cura, dizem, dormência
De nossas extremidades;
Enfim, é sempre lembrada
Nas febris enfermidades.

O Mel de Abelhas

O bom mel da jandaíra
E de outras, suas iguais,
Não é somente alimento:
Tem usos medicinais.

Cura a laringe, a garganta
E os órgãos respiratórios:
Tem sido preconizado
Da Ciência em relatórios.

Em tristes variolosos,
Contam jornais muitas curas,
Internamente, às colheres,
Externamente, em untura.

E relatam muitos casos,
Que parecem milagrosos:
Que foram, com seu emprego,
Curados tuberculosos.

Ainda o Mel de Abelhas

Esse mel, com água quente,
E depois de resfriado,
É o hidromel dos antigos,
Por Kneipp aconselhado.

Desde os tempos mais remotos,
As abelhas cultivadas
Sempre foram, nas colmeias,
Por toda parte espalhadas.

Das canas e beterrabas
Açúcar não existia:
Por isso, como adoçante,
Esse mel somente havia.

E por serem proveitosas
Suas partes componentes,
Deve ser o preferido
Pelos sãos e os doentes.

O Jenipapo

O jenipapo é bom fruto,
Fortificante afamado,
Comido sem outra coisa,
Farta até o esfomeado.

Bem picado, bem batido
E bastante açucarado,
É remédio para os fracos,
— Jenipapada chamado.

Com ela, dizem, curou-se
Quem do baço padecia,
comendo-a regularmente,
Na merenda ao meio-dia.

E a garapa é excelente,
Quem afirma não se engana:
É muito mais proveitosa
Do que o tal caldo de cana.

A Goiabeira

Das folhas da goiabeira
O chá não é para ceia:
É um remédio caseiro
Para curar diarreia.

E como contém tanino,
Um doutor da nova escola
Indicou-o, para lavagens,
Durante a gripe espanhola.

Na boca, ventas, garganta,
Sempre às horas matinais,
Mas para tal, meus leitores,
Há muitas coisas iguais.

Do fruto da goiabeira
O doce é muito comum,
E dá-se aos convalescentes,
Por não fazer mal nenhum.

O Matapasto

O matapasto, essa planta,
Que cresce em tempo invernos,
Lá, no Sul, também existe,
Mas chamado fedegoso.

E chamam crista-de-galo
O fedegoso de cá:
Quanta mudança de nomes,
Aqui, ali, acolá...

Falemos do matapasto:
Da raiz o cozimento
Usa o povo, nos catarros,
Como bom medicamento.

Diz Chernoviz, no seu livro,
Do saber fonte perene,
Que podem as suas folhas
Substituir as de sene.

4 de outubro de 1918

O Ananás

É fruto muito gostoso
E também estomacal;
Em talhadas, n'água quente,
Com açúcar, é peitoral.

Mas não faz bem a quem sofre
Da pele ou de algum tumor.
Produzindo a diurese,
Nos edemas tem valor.

Nas velhas farmacopeias,
É remédio sempre ativo
Sobre as chagas cancerosas,
Por ser muito corrosivo.

Não é bom comê-lo verde,
O que não é curial,
E sendo muito abortivo,
Pode às damas fazer mal.



O Fumo

O fumo, de que são feitos
Charuto, rapé, cigarro,
Com angu é bom remédio,
Feito num caco de barro.

Desfiado, na aguardente,
Que, logo então, é queimada,
É meizinha dos tumores,
Em compressa aconselhada.

No tratamento da chaga,
Consegue o pobre curá-la
Com fumaças do cachimbo,
Depois de bem defumá-la.

É também preservativo
Em qualquer ar empestado:
Um bom charuto na boca,
Ou, nas ventas, o “torrado”.

O Cravo-do-Reino

O cravo da Índia ou do Reino,
Que importamos de Lisboa,
É tempero apreciado
Nos doces, bolos e broa.

E num bom caldo de carnes,
Cebola e cravos contendo,
O Chernoviz o elogia,
Talvez os beijos lambendo...

E também o mesmo eu faço,
De um café me recordando,
Que foi torrado com cravos,
Delicioso ficando.

Como é carminativo,
Cura o cravo eructações,
E, com aguardente ou álcool,
Muito serve nas fricções.

A Mandioca

Da mandioca a farinha
É comer de muita gente:
É precioso alimento
E também emoliente.

Pois dá boa cataplasma,
Melhores não há quem faça:
Nada tem com as erupções,
Como acontece à linhaça.

E com ela, amolecida,
Prepara-se a carimã:
Para bolos, para papas,
Tão úteis pela manhã.

Da massa, no forno quente,
É que se faz o beiju;
Da farinha, peneirada,
É que se faz o angu.

30 de outubro de 1918

O Alecrim

Por dias, em vinho branco,
O alecrim em infusão,
Dizem ser mui proveitoso
Nos males do coração.

Obrando, como calmante,
Cura a tosse catarral
E, tomado às colherinhas,
Limpa o muco estomacal.

Com sua tintura n'água
É bom os olhos banhar;
E a mesma, com aguardente,
Serve para fomentar.

Com grandes ramos enfeita
De Jesus o santo andor;
Por isso dá-lhe virtudes,
Lá, no Céu, Nosso Senhor.

O “Retirante”

Em grande seca nos veio,
Aos fardos de carne unida,
A semente dessa planta,
Que não era conhecida.

E o povo, por isso, deu-lhe
O nome de “retirante”:
Pois era o “picão-da-praia”
Esse nosso visitante.

Que, no Sul, é muito usado,
Na cura das gonorreias,
Nas febres intermitentes
E também nas diarreias.

E nos catarros nervosos,
E em banhos de folhas feitos,
Das praias o carrapicho
Produz os mesmos efeitos.

Andiroba

Das sementes da andiroba,
Nos vem óleo do Pará,
E o mesmo já fabricamos,
Em terras do Ceará.

Esse óleo é muito amargo,
Livra dos bichos-de-pé,
Dos piolhos da cabeça,
Nos ensinou um pajé.

Afugenta as muriçocas:
E os índios da Amazônia,
Untando o corpo, se livram
Dos insetos, noite e dia.

Na erisipela é usado,
Para curar a inchação,
E da casca o cozimento
Serve na chaga, em loção.

A Pitangueira

Das folhas da pitangueira
Faz-se um chá ou cozimento
Que se aplica, sem demora,
Em qualquer resfriamento.

As mesmas, em banhos mornos,
Foram sempre aconselhadas
A quem sofre beribéri,
Pois curam pernas inchadas.

A vermelhinha pitanga
Delicia a meninada,
E, sendo refrigerante,
No calor é procurada.

Lá, nos estados sulistas,
Sempre foi aconselhado
Um bom chá de pitangueira
A quem se diz constipado.

23 de outubro de 1918

Maracujá

O fruto maracujá
E suas folhas também
São remédios importantes,
Dizem daqui e dalém.

As folhas, em cozimento,
São mezinhas poderosas
Para as bronquites e asma
E para as tosses nervosas.

E os frutos, quando ingeridos
Com excesso, em quantidade,
Embriagam, como o álcool:
Dizem ser isso verdade.

E finalmente, da planta
O fruto, a folha, a raiz,
São objeto de estudo
De sábios deste país.

23 de outubro de 1918

A Laranjeira

O chá das folhas e flores
É precioso calmante;
Cura a casca a gastralgia,
Por ser mui tonificante.

Da laranja quem não gosta,
Na merenda ou no jantar?
É das frutas a rainha,
Por causa do paladar.

E não é só um regalo:
É meizinha aconselhada
Para curar os incômodos
Que nos faz a feijoadada.

Na passagem da Laguna,
Diz Taunay que, de repente,
Acabou na tropa a cólera.
Que grassava intensamente.

25 de outubro de 1918

Os Ossos

Os ossos, que traz a carne
Que comprais lá no mercado,
Podem servir de remédio,
Por Kneipp aconselhado.

Como a cal, queimai um osso,
Reduzi outro a carvão,
E com incenso, do branco,
Pulverizai-os então.

Assim tereis os pós santos,
Com os quais ele curou
As profundas anemias
E enfraquecidos salvou.

Esqueletos vacilantes,
Do raquitismo aleijões,
Curou-os, dando pitadas
Desses pós, nas refeições.

25 de outubro de 1918



O Álcool

O álcool, modernamente,
Sendo em grau muito elevado,
Em compressas sobre a pele,
Muitas febres tem curado.

Sendo igual no reumatismo,
Mesmo puro ou canforado,
Ou com cravo ou com gengibre,
Pelo povo é muito usado.

É grande a sua eficácia
Em qualquer inflamação,
Ou da pleura ou dos abscessos,
Ou da gota ou do fleimão.

Em candeia apropriada,
Aquece o medicamento,
E havendo falta de vela,
A luz nos dá num momento.

O Enxofre

O enxofre, remédio antigo,
É sempre muito indicado
Para as moléstias cutâneas,
Para bronquite e puxado.

Na epidemia do crupe,
Seu valor ninguém suplanta,
Com água, nos gargarejos,
Ou soprado na garganta.

Ele cura, com flanela,
O reumatismo gotoso
E o tumor hemorroidário,
Muitas vezes doloroso.

Nos sapatos e nas meias,
Debaixo dos calcanhares,
Quando há peste, muitos usam,
Para os livrar dos maus ares.



O Estômago

Se sofreis de vosso estômago,
As digestões sendo más,
Tomai meizinha caseira,
Escolhendo um destes chás:

Da folha do mamoeiro,
Das folhas da catingueira,
Ou das cascas da laranja,
Ou das folhas da figueira.

É também um bom remédio
Água fria açucarada:
Ela acalma e fortifica
E por isso é muito usada.

Mas o melhor, com certeza,
É tomar a refeição
Em horas certas, marcadas,
Sem raivas, na ocasião.

O Angico

A tal resina de angico,
Quem não sabe? é peitoral:
Para tosses e bronquites,
Seu xarope é sem igual.

De sua folha a tintura
Cura golpe e contusões;
Sua casca, em banho morno,
É boa para inchações.

Uma casca, em copo d'água,
Em goles, durante o dia,
Cura sempre a diarreia
E também disenteria.

O mel de abelhas, dizem,
Entre angicos fabricado,
Das flores tendo a virtude,
Para o peito é muito usado.

11 de novembro de 1918

A Arruda

A arruda é planta sensível,
Que resseca facilmente,
Quando quebra seu galhinho
A mão de sinistra gente.

Ela é muito elogiada,
Em casa pela “comadre”:
Para dores uterinas,
Que chama “dores de madre”.

O chá das folhas é útil
Para curar histerismos,
As vertigens, as tonturas,
E outros muitos nervosismos.

O sumo cura belidas
E também dores de ouvido,
Sendo muito aconselhado
Em rouquidão e zumbido.

11 de novembro de 1918

Alfazema

Alfazema é muito usada
Para panos defumar
Da parida e de seu filho
E umbigo deste curar.

E seu óleo, com açúcar,
Para gases expelir,
É conselho de Kneipp,
Que não convém repelir.

Por que, sendo a flatulência,
Causa de dor de cabeça,
Quem a tiver, tome nota,
Do remédio não se esqueça.

A alfazema com álcool
E também a sua essência,
Em fricções muito aproveita
Em vária dor e dormência.

Ateira

O seu fruto saboroso,
Aqui, nós chamamos “ata”,
Mas, no Sul, seu nome é “pinha”,
Informa pessoa exata.

De seus escuros caroços
As infusões na aguardente,
São remédio aconselhado
Para a bexiga doente.

E as folhas, bem machucadas,
Com um bocado de sal,
Curam tumores, leicenças,
Também espinha carnal.

E, bem quente, sobre o fígado,
Quando há inflamação,
Muito suor produzindo,
Alívio certo nos dão.

Algodoeiro

De suas flores e folhas
A proveitosa infusão
Serve nas disenterias
E irritações do pulmão.

E como são vulnerárias,
Curam chagas e feridas.
Por suas grandes virtudes
São mezinhas preferidas.

O algodão é muito usado
Em pastas, nas queimaduras,
E também na erisipela,
Produzindo muitas curas.

Como bom emenagogo,
Aconselham seu caroco,
A raiz é diurética,
Para o velho e para o moço.

Araticum

Aqui, nas praias do Norte,
É fruta muito comum,
No meio de outras, silvestres,
A chamada araticum.

Para comer não é boa,
Porém é medicinal:
Em cataplasma, nas úlceras
E na tosse, é sem igual.

As folhas, fritas com óleo,
Nos reumatismos usadas,
Também são maturativas:
No tumor, aconselhadas.

Do mesmo, raiz e cascas
Dão meizinha milagrosa
Para curar mordeduras
De serpente venenosa.

Araruta

Peckolt, tendo analisado
Uma raiz desta planta,
Afirma que seu amido
Ao da batata suplanta.

E ao da nossa mandioca,
Para nós tão preciosa,
Pois é mais rico de azoto
E matéria gordurosa.

A raiz torrada, em cinza,
Para febre intermitente
É usada pelo povo,
Curando sempre o doente.

E seu sumo e seu polvilho
São mezinhas muito usadas
Pelos índios, nas feridas
De suas setas ervadas.

A Cajazeira

O fruto da cajazeira
Goza muita estimação,
Com ele muito aproveita
Quem sofre do coração.

E de chagas na vagina,
E também de blenorreia.
Sempre muito aconselhado
Para curar diarreia.

O caroço é diurético
E as cascas, adstringentes:
Como tais, aconselhadas
Em colírio e banhos quentes.

E das folhas e renovos
Fazem banhos, bem fervidas,
As “comadres”, lá do campo,
Para uso das paridas.

Carrapateira

É sempre funesta às moscas,
Que nos trazem dos quintais
Toda sorte de micróbios
Próprios das coisas feçais.

A sua folha é usada,
Com óleo, para inchações,
E dá banhos proveitosos
Em muitas ocasiões.

O óleo de seu caroço
É um purgante afamado
Para vermes, com mastruço,
Sempre foi aconselhado.

Sendo óleo repugnante,
Dele se faz emulsão,
Que se engole facilmente,
Quando há indigestão.

O Cafezeiro

As folhas do cafezeiro,
Substituindo a semente,
Bem torrada, bem moída,
Infusas n'água fervente,

Dão bebida saborosa,
Contendo muita teína.
No cigarro, em vez do fumo,
Nos livram da nicotina.

O café é bom remédio
Para a hérnia estrangulada,
Com limão cura as maleitas;
É meizinha aconselhada.

Sem igual anti colérico,
Sem rival microbicida,
Durante as epidemias
Goza fama merecida.

O Abacateiro

Das folhas o cozimento
É útil, para urinar:
Cura os rins, cura a bexiga,
Faz areias expulsar.

O fruto do abacateiro
Tem foros de fidalguia:
Quem não o viu, orgulhoso,
No jantar da burguesia?

Pois ele é grande remédio,
Remédio muito eficaz,
Para os tristes esgotados,
Principalmente o rapaz.

Açucarado e com vinho,
Preparado à sobremesa,
Da boa dona de casa
Dá prova de gentileza.

25 de outubro de 1918

A Manga

A senhora dona manga,
Apesar de muito honrada,
Em companhia do leite
Tem sido caluniada.

Entretanto, sempre ativa,
Com sua terebentina,
Cura a tosse mais rebelde
E limpa qualquer urina.

Cura escorbuto, hemorroidas,
Sendo muito estomacal.
Comida em jejum, na tísica,
Afirmam, não tem rival.

Muito útil nas doenças
Das vias respiratórias.
Contra ela, meus leitores,
Não deem crédito às histórias.

Papaconha

Chama o povo “papaconha”
À branca ipecacuanha,
Que sempre foi empregada
Por sua fama tamanha.

Da raiz o cozimento,
Usado na defluxão,
É útil, com mel de abelhas,
Nas tosses do catarrão.

E é remédio inocente,
Nas doenças dos meninos:
Das doenças respiratórias
E também dos intestinos.

Com ela faz-se um xarope
Para tomar-se, às colheres,
E é meizinha muito antiga,
Usada entre as mulheres.

O Abacaxi

O abacaxi é, das frutas,
Talvez a mais estimada:
Ao jantar e nas merendas,
Ela é muito apreciada.

E dizem ser proveitosa
A quem sofre hidropisia,
Produzindo a diurese;
Quando não cura, alivia.

E também, na diabete,
“Urinas doces” chamada,
Por muita gente entendida
Sempre foi preconizada.

Para o sorvete, excelente,
Ela é muito estomacal;
E seu caldo, fermentado,
Dá champanha sem rival.

Catuaba

A catuaba vegeta
Nas terras do Cariri:
Freire Alemão estudou-a,
Quando viajou ali.

E fez-lhe muito elogio
(E o sábio nunca se engana),
Como planta portentosa,
Como a coca peruana:

A sua folha, mascada
Por exausto caminhante,
Isenta-o por muitos dias
De uma fome cruciante.

Do mesmo modo, o perdido
Nas matas, ela o sustenta.
Enfim, cura os esgotados
E a força viril aumenta.



O Caju

Quando Deus fez este mundo,
Pedi-lhe um caboclo nu
Para ele uma frutinha:
E foi-lhe dado o caju.

E por isso ele engorda,
O fruto seu a chupar,
E a cabocla, em pouco tempo,
Nos antojos a falar...

Depurativo excelente,
Não há como a cajuada,
E a saborosa tumbança,
Feita com castanha assada.

O caju cura a morfeia,
Do sangue qualquer doença.
Com seu suco fermentado,
Caboclo não há quem vença.

21 de outubro de 1918

A “Ligeira”

É nome que dá o povo,
Quando há epidemia
De diarreia agudas,
E também disenteria.

É mezinha aconselhada,
Na caseira medicina:
Em bom chá de pitangueira
Seis gotas de creolina.

Cura velhos, cura moços,
Cura adultos e meninos.
Para estes a metade,
Sabidos são os ensinós.

Uma vez ou mais, conforme
Das descargas a frequência:
Sendo a creolina inócua,
Não tem maior consequência.



As “Corriqueiras”

As “corriqueiras” são dores
Que mudam muito o lugar:
São próprias do reumatismo,
Somente do muscular.

Mas a minha lavadeira
Afirmou-me, à puridade,
Que muitas vezes a causa
É a tal ventosidade.

E ensinou-me uma meizinha,
Que recebi de bom grado:
Chá da sene com erva-doce,
Com perícia preparado,

Tomei-o e, crede, leitores,
Que fiquei aliviado.
Fazei o mesmo: é conselho,
Quando fordes atacado.

O “Torrado”

Dona Morte acompanhava
Um suado viajante.
Quando chegou este ao rio,
Ela ria-se: era o instante...

Mas ele, tiranda a caixa
De seu tabaco, o “torrado”,
Tomou logo uma pitada,
E passou o rio a nado.

Dona Morte, embasbacada
Retirou-se, descontente,
Esconjurando o “torrado”,
Preservativo inocente.

O povo conta essa história,
E não o dispensa até
Quando toma banho frio
e tira um bicho-de-pé.

1º de novembro de 1918

O Querosene

O querosene ou petróleo
Não nos dá somente a luz:
Como meizinha caseira,
Muitos alívios produz.

Em gotas, internamente,
Por Chernoviz indicado
Foi, nas doenças do peito,
Principalmente o puxado.

Em fricções muito aproveita,
Nas dores do reumatismo,
Nas contusões e nos golpes,
Prevenindo o traumatismo.

É preventivo do tétano,
De pregos nos furaamentos:
O povo muito o estima
Entre os seus medicamentos.

Um Conselho

Das torpes hipocrisias
Que toda cidade encerra,
Ó, fugi, veraneando,
Na linda casa da serra.

E lá, no meio das flores,
Adornos da virgem mata,
De manhã tomai um banho
Na cristalina cascata.

E depois, um bom passeio,
Nas colinas verdejantes,
Colhendo por toda a parte,
Doces frutas refrescantes.

E em seguida, um bom almoço,
E na rede uma soneca,
De tarde, estando disposto,
Passeai por ceca e meca.

30 de outubro de 1918

Banhos de Mar

Sempre foi aconselhado
Banho nas águas do mar,
Para quem sofre histeria,
De vez em quando a chorar.

Nas hemorroidas dos velhos
E nas do moço também,
Com clisteres da mesma água
É útil, fazendo bem.

E a mocinha enfraquecida,
Por amor contrariado,
Na praia cante modinha
E tome o banho salgado.

É que açoitada das ondas,
Fica forte e com juízo:
O tubarão não surgindo,
Não haverá prejuízo.

Diabete

Amigos, a diabete,
“Urinas doces” chamada,
Com infusão de eucalipto
‘Stá sendo agora curada.

Pois notável cientista
Publicou ultimamente
Que, aplicando este remédio,
Não perdeu um só doente.

Entre nós, há muito tempo,
É útil medicamento:
Do pau-ferro as entrecascas,
Usadas em cozimento.

De potássio o bromureto
Dizem que é excelente:
Todo remédio aproveita,
Dando esperança ao doente.

As Sezões

As teias de aranha, em pílulas,
De tamanho regular,
Tomadas nos intervalos
São remédio singular.

E caroços de azeitona,
Em pó, depois de torrados,
Em vinho branco, se impõem
Pelos seus bons resultados.

São remédios publicados
Em jornais desta Nação,
Mas o meu, — melhor que todos,
É o café com o tal limão.

Entre todos, com certeza,
O de maior confiança
É o que chamam quinino
Ou outro de igual pujança.

Dores de Dente

Ensinam muitas mezinhas
Para dor de nossos dentes,
Mas só vos lembro as seguintes,
Por julgar suficientes:

Um pouco de antipirina,
Coberto com algodão,
Em dente que está furado,
Pronto alívio dá então.

E, com alho, o óleo quente
Da quenga que se queimou,
Nas choupanas da pobreza
Muita gente aliviou.

E como falei na quenga:
Da mesma é feito o carvão.
É o melhor dentifrício,
O qual não custa um tostão.

8 de novembro de 1918



A Creolina

Quando o tal judeu errante
Andou lá pela Turquia,
Logo em campo o creosoto
Acabou-lhe a valentia.

Aqui, o chá de macela,
Contendo muito limão;
Porém basta a creolina,
Tal é minha convicção.

Seis ou sete gotas n'água,
Algumas vezes ao dia,
Curam qualquer diarreia
E sempre a disenteria.

E, leitores, ninguém morre...
Depois do calor, o frio:
Apenas muda de casa
Para um lugar mais sadio.

Preservativos e Remédios

Quem tiver medo dos zoilos,
De seus botes de serpente,
Nada faça neste mundo:
Seja nulo inteiramente.

É este o preservativo
Da torpe maledicência.
Quem desprezá-lo padece
E o remédio é: paciência...

Não dar importância às críticas
Da baixa inveja, infeliz,
Trabalhando com afinco,
Sem dobrar nunca a cerviz.

Sempre calmo e sobranceiro,
Mas progredindo, afinal,
Sorrindo das investidas,
Com o desprezo mais formal.

14 de novembro de 1918



Imprudência

No torvelinho da vida,
Ninguém se lembra, leitores,
Que perto anda a doença,
Com seu cortejo de dores.

Aqui um, no restaurante,
Apesar de estar suado,
Toma sorvetes de fruta,
Da cana o caldo gelado.

Outro, ali, ainda cansado,
Toma indigesto alimento,
Feito com banha rançosa
E muito mau condimento.

Além, outro se embriaga,
Com cerveja e com cachaça,
E, entretanto, ainda espera
Que o bom Deus mercê lhe faça.

A Quebradeira

Todos sofrem, meus amigos,
Quando lhes falta o dinheiro:
Mas “consola o mal de muitos”
É rifão no mundo inteiro.

E tudo tendo remédio,
É este um dos baratos:
A mulher engome roupas
E o homem faça sapatos.

Que leve o carro do lixo
O pouco orgulho vesano,
E aquilo que o padre chama,
Nos sermões, respeito humano.

Trabalhai! Pois o trabalho
Nunca desonra um cristão,
E sim o torpe calote
Para agarrar um tostão.

7 de novembro de 1918

O Coração

Quem gostar destes meus versos
Decerto tem coração:
Não devo desse esquecer-me,
Para provar gratidão.

Para as doenças curáveis
Remédio posso ensinar,
Para as outras, meus amigos,
Só Deus sabe receitar.

Bromureto e chá de alface,
Para logo aliviar,
E depois os ioduretos
Para moléstia curar.

Muito leite e pouca carne
E também homeopatia,
E sobretudo os preceitos
Da mais sã filosofia.

O Fígado

Para as moléstias do fígado,
Amigos, não vos engano:
Meu esculápio prefere
A tudo calomelano.

Eu vos lembro a jurubeba,
Sua infusão preferindo.
Mastigai também o fruto,
O sumo seu engolindo.

É bom o chá de cabepa,
Da branca, principalmente,
De vez em quando um laxante
É muito conveniente.

Cuidado nos alimentos,
Sempre evitando o feijão,
Bebidas que contêm álcool,
Também a raiva, a paixão.





Conselhos

Diz um rifão: “A galinha
Com sua pevide viva”.
Não apures a saúde,
Pois é mania nociva.

Dormir cedo e acordar cedo,
Evitar raivas e teimas,
Não sair durante a chuva
Decerto não são toleimas.

Tomar água açucarada,
Limonada fria ou quente,
Em vez da cara cerveja,
Aconselha um previdente.

E muita sobriedade:
Comer demais não faz bem,
A dieta ou caldo simples
Nunca fez mal a ninguém.

7 de novembro de 1918



A Soberba

Para a soberba um remédio
Ora ensino, e muito sério:
É a visita frequente
Às tumbas do cemitério.

E de lá, soberba altiva,
Contemplai então ossadas
De muitos homens e damas
De posições elevadas.

E vede bem a caveira
Da senhorita vaidosa:
Onde aqueles belos olhos?
E aqueles lábios de rosa?

E volvendo à vossa casa,
Profundamente abatida,
Chorando, orai pelos mortos,
E por vós, arrependida.

7 de novembro de 1918

Ambição

É ditado: “O ambicioso
No mundo jamais medrou”.
E também — conclui o povo —
Quem junto dele morou.

Pois a ambição desmedida
Não deixa de ser um mal:
Afugenta a caridade,
Tornando o homem fatal.

Mas para tudo há remédio,
Pois desde tempos remotos
Manda Deus, para curá-lo,
Peste, guerra e terremotos.

E é bom dizer ao doente
Que, sendo ele mortal,
Não leva para outro mundo
De seu ouro um só real.

6 de novembro de 1918

A Preguiça

Para curar a preguiça,
Lembrei-me, neste momento,
Senhores e senhoritas,
De uma coisa: o casamento.

Pois o homem preguiçoso,
Perante Deus dando a mão,
Só conserva a sua dama,
Se trabalhar, queira ou não.

A senhorita indolente,
Contraindo o matrimônio,
Não descansa noite e dia,
Chamando pelo demônio.

Não conheço outro remédio,
A não ser fome ou nudez:
Quem tiver medo não case
Ou conserve a viuvez.

6 de novembro de 1918



O Trabalho

Sendo o ócio o pai do vício,
E o vício pai da doença,
O trabalho sempre a cura,
Com certeza, sem detença.

Pois entendidos afirmam
Que o homem, quando trabalha,
Tem saúde e tem dinheiro,
Não mora em casa de palha.

Não sente fastio ou tédio,
Nunca lhe falta rjeza,
Não pensa no suicídio,
Tem coragem, tem firmeza.

Fica livre das manias
Da fobia e outra asneira:
Pertence, pois, o trabalho
À medicina caseira.

6 de novembro de 1918

O Ciúme

Não deixa de ser moléstia,
E muitas vezes cruenta:
Desesperada, chorando,
Quanta mulher ciumenta!

O homem menos padece:
O mal é nele fugace.
Tomem todos bromureto
E também o chá de alface.

A mulher, antigamente,
Aos pais pedia aposento,
E o homem, mais poderoso,
A trancava num convento.

Mas hoje as coisas mudaram,
Todos buscam distração:
O homem nos afazeres,
E a mulher na confissão.

7 de novembro de 1918

O Contágio

Tendes medo das moléstias?
Quereis, leitor, isenção?
Acabai primeiramente
Com os apertos de mão.

Pois esta, sempre suada,
Longe d'água e do sabão,
Muitas vezes indo às ventas
De quem sofre defluxão.

Pegando sempre em dinheiro,
Também na mão do doente,
Com certeza dos micróbios
É morada permanente.

Não falo em coisas ocultas,
Porque tenho educação:
Mas não termina o contágio,
Havendo apertos de mão.

11 de novembro de 1918

O Abacateiro

O fruto do abacateiro
É demais apreciado,
Ou somente com açúcar
Ou com vinho preparado.

De suas folhas e grelos
Faz-se excelente tisana
Para curar os efeitos
De muita loucura humana.

A mesma é diurética
E também carminativa,
Cura os rins, cura a icterícia,
Dizem ser resolutive.

Entre nós, de seus caroços,
Torrados, fazem “café”,
Para curar reumatismos
Em quem mesmo não tem fé.



A Batata

De vossa mesa a batata
Não deveis nunca excluir:
Pois tem ácido fosfórico,
Mais fácil de digerir.

Aproveita muito ao fígado,
Um cientista afirmou;
Desinfeta vossa boca,
Outro, além, asseverou.

E ambos eles disseram
Que tão gostoso alimento
Dá sonhos doces, alegres,
Do pesar o esquecimento.

Mais não sei. Mas affianço
(E o faço por não ser mau),
Que nunca a dispenso, amigos,
Quando como bacalhau.

A Prece

Uma prece fervorosa,
Dirigida ao Onipotente,
É remédio poderoso
Que cura muito doente.

Quem reza, caros leitores,
Conversa com Deus. É certo:
Ele está em toda a parte,
Por isso de nós bem perto.

Pois dissei-lhe: “Pai bondoso,
O sofrer é necessário...
Mas pediu na cruz alento
Jesus Cristo, no Calvário.

Confortai-me na moléstia,
Que sofro para o meu bem,
Por vossa misericórdia
E suma bondade. Amém.”

7 de novembro de 1918

Erva-Doce

A erva-doce, essa planta
Que também chamam anis,
É bastante conhecida
Em nosso vasto país.

É o remédio do flato,
Ventosidade chamado,
E das tristezas históricas,
Que parecem mau-olhado.

Das urinas e do leite
Ela aumenta a secreção,
Cura a bronquite e catarro
E também má digestão.

O seu óleo, para as cólicas,
Tem largo uso em fricções
E se absorvido, ele ativa
Dos rins e pele as funções.

O Torém

Do torém ou umbaúba
(Que é das preguiças morada),
O chá da folha ou renovos
É meizinha muito usada.

É útil no beribéri,
Quando vem com inchação.
Para curar diarreias
Indicam sua infusão.

É a mesma, na disúria,
Porque faz logo urinar,
E também na leucorreia
E para as chagas limpar.

Já teve o torém seu tempo,
A sua celebridade:
Pois todo o mundo o pedia,
Nos quiosques da cidade.



Inhame

O inhame da nossa terra
Não é só bom alimento,
Como também um remédio
Em cruel padecimento.

Pois ele cura a morfeia,
Sem sal nenhum cozinhado,
Comido constantemente,
Com café dele torrado.

Não deve nunca esquecê-lo
Quem da pele padecer
E quem gostar de batata
Para o guisado comer.

Das folhas a homeopatia,
Após o seu dinamismo,
Fez uma boa tintura
Para curar herpetismo.

As Pimentas

Diversas são as pimentas:
A do reino, na cozinha,
Não serve só de tempero:
Também serve de meizinha.

Sendo muito estimulante,
Facilita a digestão,
Cura a febre intermitente,
Que o povo chama sezão.

Substitui a mostarda,
Misturada com farinha,
E em gargarejos se emprega,
Na queda da campainha.

As outras que cultivamos
São do consumo diário,
Mas prefere a malagueta
Sempre o velho hemorroidário.



Macela

A macela ou camomila,
Entre nós bem conhecida,
Para quem sofre do estômago
É meizinha apetecida.

O seu chá estimulante,
Remédio da indigestão,
Cura febres e catarros,
Até mesmo a convulsão.

O seu óleo, canforado,
É empregado em fricções,
Na cólica das criancinhas
E em tais outras afecções.

Das flores o cozimento,
Da cólera na invasão,
Foi remédio proveitoso,
Contendo muito limão.

Língua-de-Vaca

A língua-de-vaca é planta
De inverno, no litoral,
Da raiz o cozimento
É remédio peitoral.

É também um bom refresco,
Dizem do povo as mulheres:
Pois endireita seu sangue,
Servindo noutros misteres.

A folha quente, nas fontes,
Cura as dores de cabeça.
Pronto alívio e logo sono
Produzem: ninguém esqueça.

E para secreto incômodo,
Que a muitas damas ataca,
Sempre foi aconselhada
A dita língua-de-vaca.

17 de novembro de 1918

O Mentruz

O mentruz não é somente
Das lombrigas a meizinha:
Desconhece outras virtudes
Quem não lê ou adivinha...

É remédio soberano
Para as doenças nervosas
O seu chá ou cozimento
Nas crises angustiosas.

Sobretudo na coreia;
Mas o seu valor aumenta,
Quando unido com a quina
Ou com hortelã-pimenta.

Ele é bom emenagogo
E também carminativo.
Ele expulsa o feto morto,
E não sei se o feto vivo.

Novembro de 1918

Sapota e Sapoti

São frutas apreciadas
Em nosso meio, leitores,
Que, usadas como remédio,
Aliviam muitas dores.

Maduras, são muito úteis
Na retenção das urinas,
Verdes, nas hemorragias,
Principalmente uterinas.

Das sementes, trituradas,
Faz-se excelente emulsão,
Para areias e nefrites
Ou dos rins a inflamação.

Da planta o leite é cautério
Para as verrugas curar,
A casca, sendo febrífuga,
Nas febres é bom usar.

18 de novembro de 1918

O Tomate

O tomate, apreciado
Entre nós, por toda a gente,
Não deixa de ser meizinha,
Pois é desobstruente:

Cura as moléstias do fígado,
Como o bom calomelano,
Cura tosse inveterada
Seu uso cotidiano.

Serve ele nas dispepsias,
E na diarreia também,
E até dizem que os asmáticos
Ingerindo-o, dão-se bem.

Mas é o tomate das hortas,
Que se vende no mercado:
E não a massa, da venda,
Produto falsificado.

Girassol

Girassol ou helianto
Todos devem cultivar,
Pertinho de sua casa,
Para a mesma sanear.

Pois ele destrói miasmas
Paludosos e fatais,
E além disso é proveitoso
Para fins industriais.

Maminoff preconiza
Sua tintura eficaz
Na cura do paludismo,
Na febre mais pertinaz.

Pois ele, nos próprios filhos
Fez a sua experiência.
Finalmente, o recomendam,
Homens de muita ciência.

20 de novembro de 1918

Melão-de-São-Caetano

Quando o inverno começa,
Essa vulgar trepadeira
Surge, cresce, sem demora,
Com ares de alvissareira.

Com ela seus pratos lava,
Na cozinha, a cozinheira,
Com ela o sabão envolve,
Lá no rio, a lavadeira.

As suas folhas e caule,
Infusos em aguardente,
São remédio aconselhado
Para a febre intermitente.

Esta planta, Almeida Pinto
Viu curar hidropisia
Produzida pela cólera,
Depois da epidemia.

20 de novembro de 1918

Parreira Brava

Abútua ou parreira brava,
Remédio da hidropisia,
Também serve para o fígado,
E também dispepsia.

Da raiz se faz tintura
E também o cozimento:
É este modo indicado
Como bom medicamento.

É sucedâneo da quina,
Pois de febres é meizinha,
Como salsa, cura sífilis,
A dermatose daninha.

Para males de mulheres
O aconselha o curandeiro.
É usado nas orquites,
Sobretudo do solteiro.

20 de novembro de 1918

O Jucá

O jucá é grande árvore
Do Norte na região,
Suas cascas são usadas
Em xarope e decocção,

E muito preconizadas
Nas doenças catarrais,
Na tosse, bronquite e asma
E após as quedas fatais.

São também mui proveitosas,
Infusas em água fria,
Às mulheres, quando sofrem
Uterina hemorragia.

A madeira, sendo dura
E, por isso, resistente,
Com ele faz seu cacete
Do povo quem é valente.

21 de novembro de 1918

Urucu

Pede sempre a cozinheira,
Para dar cor à comida,
As sementes desse fruto,
Pois a torna apetecida.

As mesmas são muito usadas
Para as moléstias do peito,
Especiais no puxado,
Gozando de bom conceito.

E também, segundo Brown,
Antifebris elas são,
Para as moléstias de estômago
Não lhes falta indicação.

A raiz é digestiva;
Das folhas, o cozimento,
Em banho, na erisipela,
Serve de medicamento.

21 de novembro de 1918



O Banho

É preceito de higiene
Tomar banho morno ou frio:
O rico, no seu banheiro,
E o pobre, dentro do rio.

Quem quiser andar bem limpo,
Neste mundo de imundícies,
Tire a roupa e tome um banho,
Deixando de esquisitices.

Pois adquire mais forças,
E também mais alegria,
No trabalho e na palestra,
Satisfeito passa o dia.

Há banhos indispensáveis,
Até na raça tapuia:
Bacia não tendo o pobre,
Toma-o sempre numa cuia.

21 de novembro de 1918

A Malícia

“Malícia, teu pai morreu”,
Diz a criança, ao tocá-la:
E a plantazinha emurchece,
Parece que a vida exala...

Mas deixemos a mimosa
Sossegada na campina,
E falemos de seu préstimo,
Na caseira medicina.

Para as urinas sanguíneas
Das folhas o cozimento.
Não só cura hemoptises,
Como aquele sofrimento.

E como planta narcótica,
Tem muitas indicações:
Raiz e folha, em tisana,
E o óleo para fricções.



A Roupas

Leitores, quando deitardes,
A vossa roupa mudai:
A camisola ou pijama
Muito frouxo então usai.

Seja a roupa bem fervida
E depois enxaguada:
Assim fica mais saudável
E também mais asseada.

No calor, roupa de linho,
No frio, roupa de lã,
De algodão em todo o tempo,
Ou de noite ou de manhã.

Quando a roupa é bem lavada
E seca ao sol, é cheirosa,
Quem a veste experimenta
Sensação deliciosa.

21 de novembro de 1918

O Mau-Olhado

O que sei do mau-olhado
Ensinou-me o Espiritismo;
Entretanto, muitos sabem,
Sem conhecer o Ocultismo.

Médium há, inconsciente,
De influência malfazeja,
E outro, mais venturoso,
De influência benfazeja.

O primeiro, quando fita,
É causa de mau-olhado,
Com sua prece, o segundo
Esse mal sempre há curado.

Ambos são bem conhecidos,
Em toda a parte do mundo:
Evitai sempre o primeiro,
Não esqueçais o segundo.

19 de novembro de 1918



O Sabão

Homenagens nunca faltam,
Em nossa sociedade...
Há muitos homens e coisas
Sem nenhuma utilidade.

E de ti ninguém se lembra,
Ó, sabão, tão proveitoso!
Entretanto, tu mereces
De todos um preito honroso.

Se aquele prestou serviço,
Na guerra ou paz, de valia,
Tu, em campo, denodado,
Combates a porcaria.

Se na vida é desgraçado
Quem não tem religião,
Com certeza não é limpo
Quem se esquece do sabão.

21 de novembro de 1918

Marianinha

Seus nomes: marianinha,
Olhos-de-santa-luzia
E também trapoeraba
Mui grande é sua valia.

Espontânea, em toda a parte,
Com sua florinha azul,
Não só em terras do Norte,
Como nas terras do Sul.

Sendo muito diurética
E útil, na hidropisia,
E sendo carminativa,
Serve na dispepsia.

Cura do hemorroidário
Das urinas retenção.
É da uretra e da bexiga
Usada na inflamação.

22 de novembro de 1918

A Felicidade

Quereis a felicidade?
Pois não custa consegui-la:
Sede bom e caridoso,
Que tereis vida tranquila.

E crede que, neste mundo,
Tudo vem de Deus somente,
E que tudo é necessário,
Vindo do Onisciente.

Que o bom pai castiga o filho,
Só para vê-lo emendado.
Todo mal desaparece
Que sofra quem é culpado.

Quem faz o bem é ditoso
E também o conformado:
“O manso”, já disse o Cristo,
“Será bem-aventurado”.

O Fastio

Não é a flor da macela
O remédio do fastio,
Nem mudança para o campo,
Nem banhos do mar ou rio.

Mas é remédio infalível,
Que não tem uma exceção:
Dar comer a quem tem fome,
Salvando-o da inanição.

E não é só sugestivo,
Mas também filantropia:
A mulher torna-se alegre
E o homem canta, assobia.

E nenhum, sentado à mesa,
Faz caretas ao comer:
Pois é grande aperitivo,
Leitores, o bem-fazer.



Gengibre

Com o gengibre e o fermento
Prepara-se a gengibirra:
Bebida gasosa e fresca,
Com a qual ninguém embirra.

É excitante estomáquica
E também carminativa,
Indicada na atonia
Do aparelho digestivo.

Emprega-se nas flatulências,
E também na dispepsia,
Na campainha e na língua,
Quando há paralisia.

Afirmam que ele aumenta
Nossas funções cerebrais.
Dizem ser afrodisíaco
E útil nos catarrais.

Novembro de 1918

Jerimum

Com quiabos e maxixes,
Como sempre o jerimum,
No jantar cotidiano,
Por ser costume comum.

Por isso falemos nele,
O que não é grão favor,
Pois também como remédio
Não deixa de ter valor.

Suas flores amarelas,
Bem quentes e machucadas,
Para as tais dores de ouvido
São bastante aconselhadas;

Sua polpa, bem cozida,
Renovada, em cataplasma,
Cura a chaga nova e velha,
Fato que espanta e que pasma.

Novembro de 1918



O Figo

Do figo há muitas espécies,
Cada qual mais importante,
O maduro é mui gostoso,
Do verde o leite é purgante.

Como alimento, assevera
Da Ciência a autoridade:
Comparado com a carne,
Tem maior utilidade.

Com ele faz-se bom vinho,
Onde os há em abundância,
E “café”, sendo torrado,
Saboroso e de sustância.

Do tempo remoto a História
Muitas vezes dele trata,
De seu valor entre os povos
Ela dá notícia exata.

Novembro de 1918

Mulungu

O mulungu, cujas cascas
Já se vendem no mercado,
Nas matas de nossa terra
É facilmente encontrado.

Ele é calmante e narcótico,
É remédio da bronquite,
Da tosse convulsa e asma
E também da hepatite.

O cozimento, em bochecho,
Quando há dente cariado,
A gengiva desinflama:
Muitos têm aliviado.

A quem tem falta de sono,
Diz o povo, em frase chã:
“Com seu chá banhe a cabeça
Que dorme até de manhã”.

Novembro de 1918

Muçambê

Esta planta conhecida,
Em toda parte encontrada,
Tem virtudes preciosas
E por isto é muito usada.

Da raiz o cozimento
Emprega-se nas catarrais,
Nas febres intermitentes
E nas hérnias inguinais.

Para curar tosse e tísica
É dos meios ordinários,
Em seus banhos e clisteres,
Usam dela hemorroidários.

Freire Alemão estudou-a,
Disse ser aperiente.
Finalmente, meus leitores,
Quem quiser experimente.

23 de novembro de 1918

Sabugueiro

Da velha Europa este arbusto,
Entre nós já cultivado,
Tem virtudes conhecidas,
Por todos é procurado.

Útil, como sudorífica,
De suas flores a infusão
É usada nas doenças
Que exigem transpiração.

Portanto, cura as bronquites,
O sarampo, a defluxão
E também a escarlatina
E qualquer constipação.

Com seu chá o povo banha
Sempre os olhos inflamados,
De toda a planta Kneipp
Preconiza os predicados.

Novembro de 1918



A Maritacaca

Há quem visse admirado,
Em noites de bom luar,
Das gentis maritacacas,
Na várzea, valsando um par.

O licor que ela segrega,
Quando se vê perseguida,
Em frasco bem arrolhado,
É meizinha conhecida.

Pois ele é grande calmante
Que alivia, num momento,
Em qualquer acesso de asma
É útil medicamento.

Se sofreis dessa moléstia,
Em vossa casa o guardai:
E havendo necessidade,
Com bem cautela o cheirai.

23 de novembro de 1918

A Morte

A casa tem duas salas,
E ambas cheias de gente,
A mudança de lugares
Vê-se ali frequentemente.

O mesmo vê-se no mundo:
Muitos vêm e muitos vão,
Mas é isto indispensável,
Para haver evolução.

A morte, caros leitores,
Não passará de ficção:
Nada morre, tudo vive,
Muda-se só de estação.

“Passou desta”, diz o povo, —
“Para outra vida melhor”:
Medo da morte é loucura,
E não há outra pior...

23 de novembro de 1918

Ser Feliz?

O dinheiro? Quem o ganha,
Busca muito mais ganhar:
A medida não se enche,
Trabalha sem descansar.

Posição? Todos os cargos
Sempre são muito onerosos,
Trazem-nos mil inimigos,
Despertam mil invejosos.

A glória? É uma fumaça,
Ilusão que deixa tédio,
Tristeza que fica n'alma,
É doença sem remédio.

Ser feliz? Ó, ser não pode
Quem seu viver passa a esmo,
Sem amor ao Deus bondoso
E ao próx'mo, como a si mesmo.

25 de novembro de 1918

A Mudança

Ai! Estou muito doente,
E o doutor, desanimado,
Já mandou que me mudasse
Para lugar afastado.

Hoje veio, e me encontrando
Inda aqui, ficou zangado.
Responderam: “Nos subúrbios
Nada achei desocupado.”

Então ele, neurastênico,
Retrucou, pisando, em brasas:
“Pois não disse Jesus Cristo
Que seu Pai tem muitas casas?”

Procurai uma somente,
Que decerto encontrareis,
Porém antes da partida,
Pagai-me o que me deveis.

26 de novembro de 1918

O Luxo

Quanto trabalho e miséria
Traz o luxo ao ser vivente!
Muito rico e luxuoso
Eu vi, depois indigente.

Da casa, na copa e mesa
E nas suas dependências,
Quantos servos mercenários,
Quantas raivas e pendências!

E os trajos? Os das mulheres,
Parecem de Carnaval:
Sapatos de enormes saltos
E chapéu descomunal.

Pois não é melhor, leitores,
Livre de tais ilusões,
Vivermos modestamente,
Sem loucas ostentações?

27 de novembro de 1918

Coragem!

É, leitor, eterna a vida:
Prosseguimos todo o dia,
Neste mundo e noutros mundos,
Tendo Deus por nosso guia.

Nada acaba: apenas muda
Nossa alma de habitação
E a matéria nunca para
Em sua transformação.

Aprendi o que ora afirmo
Na santa Filosofia:
Nada, pois, de vãos receios,
Coragem na travessia!

Que ao bom Deus acompanhando,
Não errareis o caminho,
E como sois caridoso,
Tereis no Céu um cantinho.

28 de novembro de 1918



O Pilão

Se tendes, leitor, um filho
E o quereis espadaúdo,
Com aquilo que chamam “muque”,
Bem robusto e forte em tudo,

Mandai comprar, sem demora,
Lá, no mato, um bom pilão
E arroz e café com casca,
E entregai-lhe a pilação.

A princípio, uma medida,
Mas não vexeis o rapaz:
“Pouco a pouco” — diz a fábula —
“Seu ninho o pássaro faz”.

E assim será ele, um dia,
Romano gladiador
E, nos vaivéns deste mundo,
Invencível lutador.

28 de novembro de 1918

Conversando

Leitores, acostumai-vos
A viver com muito pouco,
Banir de todo o supérfluo:
— Quem gasta demais é louco.

“O hábito não faz o monge”
É rifão, porém, é lei.
Habituai-vos, portanto,
Ao que vos aconselhei.

E fugi da infausta lepra
Que chamam luxo ou vaidade,
Dos vãos prazeres do mundo,
Que não dão felicidade.

E lembrai-vos do provérbio:
“Romaria boa faz
Quem, com muita economia,
Vive em sua casa em paz”.

27 de novembro de 1918

Fortificantes

Pessoas debilitadas,
Precisais fortificantes?
Não compreis os vinhos caros:
De graça ensino os bastantes.

O jenipapo batido
E logo bem adoçado,
Durante o dia, às colheres,
Os velhos tem remoçado.

E mesmo só com açúcar,
Assado no fogareiro,
Tomado na sobremesa,
Faz o fraco andar ligeiro.

Torrado o milho e pilado,
Com alguma rapadura,
É merenda da magrinha,
Que inveja tem da gordura.

27 de novembro de 1918

Vida Alegre

É feliz quem vive alegre,
Sem ambições, sem cuidado,
Sem nada invejar dos outros,
Satisfeito e conformado.

Mas tudo isso depende,
Dizem, do temperamento:
Mas a vontade tem forças,
Tem forças o pensamento.

Reaja quanto possível
E nada de covardia:
Que a besta humana, com freio,
Já deixa de ser bravia...

E das paixões no combate,
Pense e queira com firmeza,
Que será certa a vitória,
Logo afastando a tristeza.

29 de novembro de 1918

O Vagabundo

Ai, de quem passa os seus dias,
Nas ruas, andando à toa,
Só reparando nos outros,
Sem olhar sua pessoa.

Falando mal da casada,
Falando mal da solteira,
Falando mal dos vizinhos,
Sem varrer sua soleira...

Esquecido, o miserando,
Que sua mãe é mulher,
Que seu pai, sendo acusado,
Não tem defesa sequer...

E, findando o seu fadário
O que dirá, no outro mundo,
Da vida que teve neste,
De mordaz e vagabundo?

29 de novembro de 1918

O Castigo

Quem morreu? Responde o sino:
“Quem tinha muito dinheiro...”
A viúva está chorando
E rindo está o herdeiro.

E sendo muito avarento,
Odiava a caridade:
Nas choupanas da pobreza,
Ninguém reza com saudade.

E por isso, hoje morrendo,
Verá breve o seu castigo:
A viúva abrindo a bolsa
Ao seu pior inimigo...

E seu herdeiro, nos bailes,
Na taverna e lupanar,
Gastando em mui pouco tempo
O que lhe custou ganhar.

29 de novembro de 1918

O Ócio

O ócio, caros leitores,
Pai do vício e do pecado,
É um dos males da vida,
Neste planeta atrasado.

Nas regiões infinitas,
Tudo tem ocupação,
Esses são anjos de guarda
E aqueles cumprem missão.

São de Deus os mensageiros,
Dos mundos à multidão,
Pois do Supremo Arquiteto
Operários todos são.

Aqui trazem os ensinamentos,
Que Jesus nos prometeu:
Sendo muitos, cito apenas
Gutenberg e Galileu.

29 de novembro de 1918

Riqueza Fácil

Desejais, leitor amigo,
Ser o rico do lugar?
Com prazer vos aconselho,
Não precisais me pagar.

Mudai vossa residência
Para qualquer povoado,
Onde, entre seus habitantes,
Sejais o mais abastado.

Pois que tudo é relativo,
Neste mundo, com certeza:
O rico daqui é pobre,
Onde houver grande riqueza.

O feio daqui é belo,
Dos aleijados na grei,
E, na parada dos cegos,
Quem tiver um olho é rei.

2 de dezembro de 1918

À Guisa de Sermão

Tomai a sério este mundo,
Pois ele não é de graças:
Sempre a fortuna acompanham
Os reveses, as desgraças.

Onde ouvi ontem risadas,
O pranto vejo no rosto:
À festa da gente alegre
Nunca faltou o desgosto...

Sonhando já vi medroso,
Em ruidoso festival,
Valsando a concupiscência
Sobre um abismo fatal.

Mas o castelo das ditas
Nem sempre, leitor, desaba:
É rifão: “Quem com Deus vive
Pois também com Deus acaba”.

2 de dezembro de 1918

Meditando

“Não há bem que sempre dure,
E nem mal que não se acabe”,
É rifão bem conhecido:
Entre nós, quem o não sabe?

O Kaiser, tão poderoso,
Que matar sem dó mandava,
Derrotado, agora foge:
Fica rindo quem chorava.

Quem ainda não se lembra
Dos valentes Napoleões,
Arrancados de seus tronos,
Com muitas humilhações?

Alguém por isso, repete,
Os fastos, na sucessão:
Esta vida é um cinema,
Em mundo de expiação.

Novembro de 1918



Conclusão

A medicina caseira,
Em prosa bem anotada,
Não seria nunca lida
E sim muito desprezada.

Por isso escrevi em versos,
Pra ler-se, num momento,
Havendo necessidade
De qualquer ensinamento.

Porque tudo, meus leitores,
Hoje está eletrizado:
O bonde corre sem burros,
Como o doido ou cão danado.

De qualquer canto do mundo,
Vêm notícias todo dia:
Pelo fundo do oceano,
Pelos ares... Quem diria?

Um motor, aqui, tirando
Água do centro da Terra,
Outro, movendo o moinho
E outro, puxando a serra.

Ninguém vê mais candeeiro,
Com azeite e com pavio:
Pois luz, de que precisamos
Conseguimos pelo fio.

Em tudo a eletricidade,
Em tudo! No homem, não!
Anda esse tão vagaroso,
Como andava o pai Adão...

E por isso fugiria,
Como de grande maçada,
Da medicina caseira
Em longa prosa anotada.



Despedida

Do prelo e casa paterna,
Meu livro, partis agora:
Sem padrinho e sem destino,
Por este mundão em fora.

Que, na penosa viagem,
Deus vos guie a salvamento,
Livrando sempre das traças,
Do cupim, do esquecimento.

Mas, chegando a qualquer parte,
Procurai da casa a dona,
O serrano, o sertanejo,
Também a velha matrona.

E a todos, mui reverente,
Dizei, pedindo agasalho,
Que ninguém o fruto colhe
Sem puxar primeiro o galho.

Que, na terra em que pisamos,
Nada nasce sem semente:
Por isto devem comprar-vos
E vos ler atentamente.

E desta, nascendo a planta,
Ninguém a deve esquecer,
O mesmo fazendo ao livro,
Que todos devem reler.



APÊNDICE

*“Lira”, detalhe talhado em móvel do auditório
Henriqueta Galeno da Casa de Juvenal Galeno.
(Foto: Raymundo Netto)*

***Medicina Caseira:* tempo vivido, tempo escrito**

por Georgina da Silva Gadelha¹

Plantas Úteis

Veio um dia visitar-me
Um compadre, lá do mato,
E sentou-se de mim perto,
Parecendo estupefato.

Deixei que mirasse a sala
E também o grande espelho,
E, conversando, eu lhe disse:
— Compadre, tome um conselho:

Juntinho de sua choça,
Faça um pequeno cercado
E cultive plantas úteis,
Com amor e com cuidado
(...)

Pois quem despreza essas plantas
E delas não tem cercado,
Ou é muito preguiçoso
Ou bastante descuidado.

¹ Doutoranda em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (RJ), graduada e mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Mais informações sobre o tema ver dissertação intitulada **Os Saberes do Corpo**: a “medicina caseira” e as práticas populares de cura no Ceará (1860-1919). Fortaleza: Departamento de História UFC, 2007. Deixo meus agradecimentos ao prof. Almir Leal de Oliveira (História/UFC) pela presença constante, por meio de diálogos ricos, durante a pesquisa.

Juvenal Galeno da Costa e Silva foi um intelectual cearense que viveu de 1836 a 1931, exercendo diversas funções públicas. Dentre elas, uma nos trouxe grande contribuição para a compreensão de outras realidades, a de folclorista regionalista, uma vez que teve contato direto com o povo na coleta da matéria-prima para seus livros, não se resumindo a um “escritor de gabinete”.

Seu primeiro livro, *Prelúdios Poéticos*, foi publicado em 1856, e o *Medicina Caseira*, póstumo, publicado em 1969, pelo menos 50 anos após ter sido escrito. A organização dos versos de *Medicina Caseira* parece datar do período pós Primeira Guerra Mundial, em 1919, conforme defende Oswaldo Riedel, prefaciador do livro, quando em primeira edição, até então, a única. *Medicina Caseira* consiste em uma coletânea de versos, escritos em 1918 (a maioria entre outubro e dezembro), que traz receitas caseiras que valorizam e incentivam o uso de produtos acessíveis às pessoas, principalmente as mais carentes, para o tratamento de enfermidades.

A necessidade do Poeta de validar esse saber ao estabelecer comparações com trabalhos de estudiosos como Freire Alemão, Martius, Chernoviz e outros, intensificou nosso interesse em perceber como o homem cearense estava se relacionando com essas práticas populares no século XIX, ciente de que validado ou não esse saber popular faz parte da cultura.

As inquietações são inúmeras quanto à *Medicina Caseira*: o que levaria o poeta a escrever um livro com temas da medicina popular, em forma de poemas, justamente quando a medicina científica no Ceará estava na efervescência de sua consolidação, rejeitando todas as práticas que lhe fossem contrárias? O que representa a sua escrita em um período em que, ao contrário, se disseminava a prática de uso de remédios de laboratório? Qual o valor documental de um livro sobre receitas caseiras?

Galeno, em *Conclusão*, último poema do livro, estabelece uma aparente justificativa do porquê de um livro em forma de versos e sua preocupação da preservação de tais práticas:

A medicina caseira,
Em prosa bem anotada,
Não seria nunca lida
E sim muito desprezada.

Por isso escrevi em versos,
Para ler-se, num momento,
Havendo necessidade
De qualquer ensinamento.

Porque tudo, meus leitores,
Hoje está eletrizado:
O bonde corre sem burros,
Como o doido ou cão danado.

(...)

A natureza do texto de *Medicina Caseira*, resultado da coleta que o autor empreendeu ao longo de, pelo menos, cinquenta anos de pesquisa, coloca-o num patamar que o classificaria de híbrido: o caráter de “texto de registro” por um lado; e de “texto literário” por outro, pois as informações que trazem são medidas pela condição de letrado do poeta, sendo visível sua preocupação pedagógica em ensinar e divulgar os saberes populares no que se refere ao uso da medicina popular.

Medicina Caseira traz mais do que receitas caseiras em forma de verso, traz também o próprio sentido da historicidade da obra e de seu lugar social, juntamente com uma reflexão sobre as práticas populares de cura, no momento em que a medicina científica começava a se firmar e a se consolidar como saber prático e erudito sobre a forma de medicar e quando o Ceará

assistia, em plena *Belle Époque*, à grandes transformações no que se refere ao desenvolvimento urbano e cultural.²

Robert Darton³ nos ressalta a importância de se estudar as lendas e contos populares, tecendo uma diferenciação entre “historiador das idéias” e “historiador etnográfico”. Enquanto aquele se filia ao pensamento formal, este busca uma compreensão de como as pessoas comuns percebiam e criavam estratégias de vida. O estudo dos costumes populares pode nos possibilitar reflexões sobre momentos diferenciados de visões de mundo. Darton afirma também a importância do material produzido pelos folcloristas franceses ao argumentar que essa produção é “(...) uma rara oportunidade de se tomar contato com as massas analfabetas que desapareceram no passado, sem deixar vestígios”.⁴

Em Galeno e sua *Medicina Caseira*, a diferenciação do **tempo vivido**, período da coleta e registro das práticas sociais contidas em sua escrita (desde 1850, segundo o autor) e do **tempo escrito** (período da escrita propriamente dita e de sua organização – 1918/1919) torna-se relevante por ser o registro de uma pessoa (autor) que vivenciou a época narrada com suas

² Sobre as transformações urbanas e culturais ver os livros de Gilberto Freyre. É de consenso que seus escritos *Casa-grande e senzala*, *sobrados e mucambos* e *O Nordeste* consistem em obras que se apresentam com um “saudosismo” e valorização do patriarcalismo do século XIX e do Nordeste brasileiro. Seus registros constituíram-se a partir da leitura de uma ampla variedade de material de pesquisa, o que nos possibilita tomar sua obra como reflexão sobre esse processo de transformação nos hábitos e costumes brasileiros. Suas descrições detalhadas e críticas sobre as mudanças sociais, no século XIX, são enriquecedoras para o campo da pesquisa. E, em *Sobrados e mucambos*, Freyre fez várias descrições detalhadas sobre como a cidade, a casa e a rua estavam sendo pensadas a partir do processo de urbanização e das profissões bacharéis e médicos. “Os dois, aliados da Cidade contra o Engenho. Da Praça contra a roça. Do Estado contra a Família”. p. 737. VER: SANTIAGO, Silvano (coordenador). **Intérpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2^a edição, 2002. 3 volumes. (Biblioteca luso-brasileira; Série Brasileira).

³ DARTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos, e Outros Episódios da História Cultural Francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

⁴ Id. *Ibidem*, p. 32.

contradições, conflitos, antagonismos e práticas sociais pertencentes a um povo e a uma sociedade. Foi com o povo, e juntamente com o povo, que a sua poesia nasceu. O poeta buscou nas matrizes culturais o espírito popular, o que diversas vezes afirmou e que consolidou-se com a publicação de *Lendas e Canções Populares* (1865).

Da mesma forma, diante da situação de descaso e auxílio por parte do poder público, de vidas entregues à pobreza, fome, miséria e doenças é que Galeno define como *androsos, mendigantes as pessoas que assistia a circular, sem destino certo e sem futuro, pelas ruas e praças de Fortaleza*.

Sensível às angústias de Galeno, Oswaldo Riedel⁵ o classificava como defensor do “nacionalismo sincero” por ser contra tudo o que vinha do estrangeiro e de “regionalista intransigente” por compreender essa nacionalidade como resultado de uma diversidade que respeitasse as práticas culturais.

Sobretudo em *Medicina Caseira*, o Poeta não enfatizou uma natureza de forma idílica ou lírica, mas procurou ressaltar e valorizar as plantas do Ceará a partir de sua utilização corriqueira e usual pelo povo.

Tal abordagem estética da natureza torna evidente sua opção política social, sabido que, na obra em questão, Juvenal busca os remédios para as dores do corpo (físicas), ao contrário dos demais poetas preocupados exclusivamente com as dores da alma (espirituais), como percebemos em “Prelúdio”, um dos primeiros poemas do livro:

Poetas há na cidade,
Poetas por toda a parte,
Dedilhando as suas liras,
Com ternura, engenho e arte.

⁵ RIEDEL, Oswaldo. Apresentação. In: GALENO, Juvenal. **Medicina caseira**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969.

(...)

São todos poetas da Lua,
Descantando os seus amores:
E eu quero ser do corpo,
Meizinhando as suas dores.

Que importa que os invejosos
Afirmem que eu faço asneira?
Eu os desprezo e prossigo
Na “Medicina Caseira”...

O curioso é que apesar de não pertencer às classes humildes, Galeno soube registrar o seu linguajar e as suas experiências de cura frente às doenças, deixando inclusive registros sobre a sua alimentação e as formas regionalistas de falar do povo humilde do Ceará, além de conselhos de moralidade e práticas de higiene. Lembrando que o Poeta era conhecedor dos cânones classicistas e dos estilos normativos que regiam a literatura no período de sua escrita.⁶ Partindo de sua própria formação, que se deu em 1854 no curso de Humanidades no Liceu do Ceará, inseria-se na *ilha de letrados num mar de analfabetos*⁷, conforme diz Almir Oliveira ao discorrer sobre a existência de uma reduzida elite letrada no Ceará.

Mesmo utilizando-se de algumas fontes eruditas, enunciadas claramente em alguns poemas, todo esforço de coleta de Galeno concentrou-se no registro de costumes, expressões

⁶ Como exemplo tomamos Álvares de Azevedo e a presença irônica de Byron, a melancolia de Musset, a inquietação de Shelly e Spnonceda e o pessimismo de Leopardi. Vícios, desejos lúbricos, atrações carnais, pessimismos diante da vida, são umas das principais características de sua “poesia da dúvida”. Do lado da poesia social, de viés abolicionista, temos como um dos principais representantes Castro Alves, com seu lirismo e presença condoreísta de Victor Hugo.

⁷ OLIVEIRA, Almir Leal de. **Saber e poder: O Pensamento Social Cearense no final do século XIX**. Mestrado em História PUC-SP. 1998. p. 24.

idiomáticas e mezinhas, praticadas, principalmente, pelos setores mais pobres da sociedade.

Em *Medicina Caseira* o poeta buscou sintetizar e “(...) reproduzir o que, desde a mocidade, colhera e acumulara de tradição popular e complementara pela leitura de Chernoviz e de jornais, havia pelo menos cinco decênios”.⁸

Percebe-se a tentativa de preservação dos anseios e hábitos do povo, com a intenção de propagá-los e “devolvê-los” pelo uso da oralidade, ou seja, de vulgarizá-los pela forma poética, como referencia no poema “Aos Leitores”:

(...)

Estes versos tão singelos,
Compostos para viola,
Podem ser aproveitados
Por meninos numa escola.

Ensinam muitos remédios,
De graça, quase de esmola:
A pobreza não precisa
Mexer na magra sacola.

Percebemos nos versos de Galeno uma constante preocupação com a condição econômica dos pobres do Ceará. O intelectual e a sua poesia estavam a serviço do povo. O fragmento do poema acima evidencia a real intenção do *Medicina Caseira*: socorrer a pobreza e divulgar os saberes, inclusive e principalmente entre os jovens (“meninos numa escola”), para que estes os propagassem de forma a perenizá-los na memória coletiva.

Assim, se o povo não tinha sequer como se alimentar, como custear tão caros medicamentos propagados pela indústria farmacêutica em expansão? A solução apontada por Galeno era

⁸ RIEDEL, Oswaldo. Apresentação. In: GALENO, Juvenal. **Medicina caseira**. Op. cit. s/p.

a valorização dos recursos medicinais provenientes diretamente da natureza: as plantas medicinais. Mas *Medicina Caseira* não é um estudo propriamente dito sobre as plantas e suas propriedades fitoterápicas, e sim, sobre a condição dos usos delas em domicílio, deixando indícios do ato popular de sua utilização e da temporalidade de sua escrita.

A obra também nos deixa indícios que nos conduzem a pensar sobre a importância das práticas de cura baseadas em mezinhas frente à ausência de boticários, como podemos observar também em “Aos Leitores”:

No campo, principalmente,
Onde não há boticário
E nenhum facultativo,
São mais úteis que um rosário.

Durante os períodos de seca, mas não somente, a demanda de recursos para a saúde sempre foi muito grande. Por várias vezes, e de várias localidades, foram remetidos ofícios ao Presidente da Província do Ceará informando sobre as calamidades pelas quais as mais diversas vilas estavam passando diante das doenças que se manifestavam. Os ofícios solicitavam socorros públicos, ambulâncias (envio de medicamentos) e a contratação de médicos e farmacêuticos para socorrer principalmente as camadas mais desvalidas, os pobres, fatia da sociedade sempre mais atingida pelos flagelos. São narrativas de pobreza e sofrimento que trazem em suas linhas muitas vezes indícios da ausência de médicos para socorrer a população: “(...) Então verifiquei que dois médicos mal podiam satisfazer meramente a seus deveres clínicos em uma epidemia que acometem uma população de 30.000 almas, tantas quanto existem nesta freguesia.”⁹ (*ortografia atualizada*)

Não havia grande diferença entre as localidades interioranas e a capital do Ceará (Fortaleza) quanto à disposição

⁹ Ofício expedido ao Presidente da Província do Ceará, no dia 24 de maio de 1873, de Sobral, pelo Dr. Francisco de Paula P. Filho.

de médicos para socorrer os doentes. Os retirantes que ficavam confinados nos abarracamentos criados pelo governo também não tinham assistência médica regular e suficiente para todos:

Enviado [diz o médico Guilherme Studart, o Barão] para o Alto da Pimenta, encontrei nele 20.470 retirados, dos quais 5.681 atacados de varíola ou sofrendo de suas consequências! E eu era o único médico para toda essa multidão!¹⁰ (*ortografia atualizada*)

Essa ausência de médicos era recorrente no Ceará. No período de grandes epidemias, o governo solicitava às províncias vizinhas o envio de médicos para socorrer os doentes e criava comissões para ajudar na distribuição de medicamentos, como ocorreu na epidemia de *cholera-morbus* que aconteceu no Ceará em 1856:

Naqueles lugares em que existem médicos, autorizei as comissões sanitárias para contratarem com eles o curativo das pessoas acometidas da epidemia, mediante uma gratificação razoável. Havendo na província grande falta de médicos, pois que, na capital, apenas existem quatro, e no interior rara é a cidade ou vila, que possua um, tenho por diversas vezes solicitado do Sr. Ministro do Império, e dos presidentes da Bahia e Alagoas a remessa para aqui de alguns facultativos.¹¹ (*ortografia atualizada*)

¹⁰ STUDART, Guilherme. **Climatologia, epidemias e endemias do Ceará**. op. cit. p. 40.

¹¹ Relatório com que o Excelentíssimo senhor doutor Francisco Xavier Paes Barreto passou a administração da Província ao segundo vice-presidente da mesma, o Excelentíssimo senhor Joaquim Mendes da cruz Guimarães, em 09 de abril de 1856. Ceará: Typografia Cearense, 1856. p. 22. Após a solicitação do governo do Ceará, os presidentes da Bahia e Alagoas enviaram um médico e um estudante de medicina do sexto ano. Os presidentes prometeram ainda

Além da ausência de médicos, havia também a limitação de recursos por parte do governo, o que dificultava o trabalho das comissões enviadas em nome do socorro às vítimas das epidemias.

Tendo-se desenvolvido nesta vila, há oito dias, uma febre, acompanhada de todos os sintomas de febre amarela, da qual se acham acometidas mais de trinta pessoas, tendo oito já sucumbidos, peço a V. Ex.^a alguma providência para socorro das pessoas desvalidas, que, não havendo aqui facultativo nem remédios próprios, estão aterradas e mais tem sofrido.¹² (*ortografia atualizada*)

Somado a tantas ausências, o povo recorria a quem sempre esteve presente e, de certa forma, atendendo aos seus apelos de socorros espirituais e físicos: o padre. O distanciamento dos médicos fazia com que algumas pessoas recusassem seus serviços. Ao povo não bastava medicar simplesmente, era preciso acompanhar e conviver com a doença e o doente. O laço de amizade era um bem necessário para a cura.

Assim, a busca por uma medicina mais científica se dava, em último recurso, apenas em nome da vida. Diante da ausência de outros recursos, e muitas vezes quando não se tinha mais jeito, valeria apelar para o “inimigo”:

(...) O estado sanitário desta Serra é desagradável. O cólera tem feito já vinte vítimas entre Pendência e Santana; já tenho medicado ao perto de cem pessoas afetadas do cólera. Este povo não crê em Medicina, e só a procuram, quando acham-se em um estado

que no próximo vapor enviariam mais três médicos e medicamentos.

¹² Ofício expedido ao Presidente da Província do Ceará, no dia 28 de junho de 1873, de São João do Príncipe – Tauá, pelo vigário Meceno Clodoaldo Linhares.

em que toda e qualquer Medicina é infrutífera.¹³
(*ortografia atualizada*)

Galeno, diante da realidade que sempre acompanhou, não se limitou a discorrer sobre a importância dos remédios caseiros como subsídios de cura apenas face à ausência de médicos, uma vez que defende que tais costumes também seriam importantes para o homem da cidade. Em *Aos Leitores*:

E, na cidade, de noite,
Quem precisar de meizinha,
No seu quintal a procure
Ou na despensa ou cozinha.

Desinteressado com as críticas que poderiam surgir sobre sua nova produção, composta sob a pena da inserção do saber popular terapêutico em sua poesia, Galeno optava por utilizar-se de sua arte de versejar como instrumento de utilidade prática para o homem, sobretudo o desprovido de bens materiais. Sua grande preocupação era a de preservar tais práticas como alternativa para o povo pobre e, de certa maneira, validar esses saberes buscando afirmativas nos preceitos da ciência e dos intelectuais, como verificamos no poema *Angélica do Mato*:

A raiz da nossa angélica,
Na Ciência: a *Guettarda*,
É remédio precioso,
Cujo efeito nunca tarda.

Durante a febre amarela,
Foi ela muito empregada,
Para curar diarreias
Por Martius foi indicada.

¹³ Ofício expedido ao Presidente da Província do Ceará, no dia 03 de agosto de 1862, de Baturité, por integrantes da Comissão de Socorros.

É importante destacar que, aos quatorze anos de idade, Juvenal Galeno foi ao Aracati, em companhia de seu tio, o médico Marcos José Teófilo. Lá, exerceu a função de prático da farmácia de José Teixeira de Castro, o que pode evidenciar essa constante relação existente entre as várias práticas de tratamento/cura e suas validades, temas correntes nos poemas de *Medicina Caseira*.

Embora coletasse informações diretamente do povo, Galeno também era detentor de um saber prático e conhecedor da efervescência que estava acontecendo em termos de medicina científica (alopática), o que lhe atribuía uma maior segurança ao relacioná-las, estabelecendo assim um sincretismo entre os saberes letrados e iletrados em sua obra.

Assim, se teve o povo como sua fonte principal, não se furtou a explorar outras referências cujas quais se utilizou declaradamente na construção de sua poesia, fato confirmado pelo médico e farmacêutico Oswaldo Riedel na seguinte passagem:

Apesar de ter ao famoso livro de Chernoviz grande apreço – por três vezes fez-lhe referência nominal – não se limitou o vate a essa “fonte perene do saber”. Recorria frequentemente a artigos publicados em jornais da província e, às vezes, da Corte. São inequívocas, neste particular, suas alusões à “gazetas” que elogiavam ou preconizavam sem ambages determinada meizinha, e a “jornais desta Nação” que publicavam notas sobre remédios caseiros. Na segunda metade do século passado era hábito médicos de nomeada – anonimamente ou não – ou o próprio jornalista divulgarem, a título filantrópico, nos periódicos, suas experiências ou as de outrem com, tal ou qual meizinha. O poeta recortava muitos

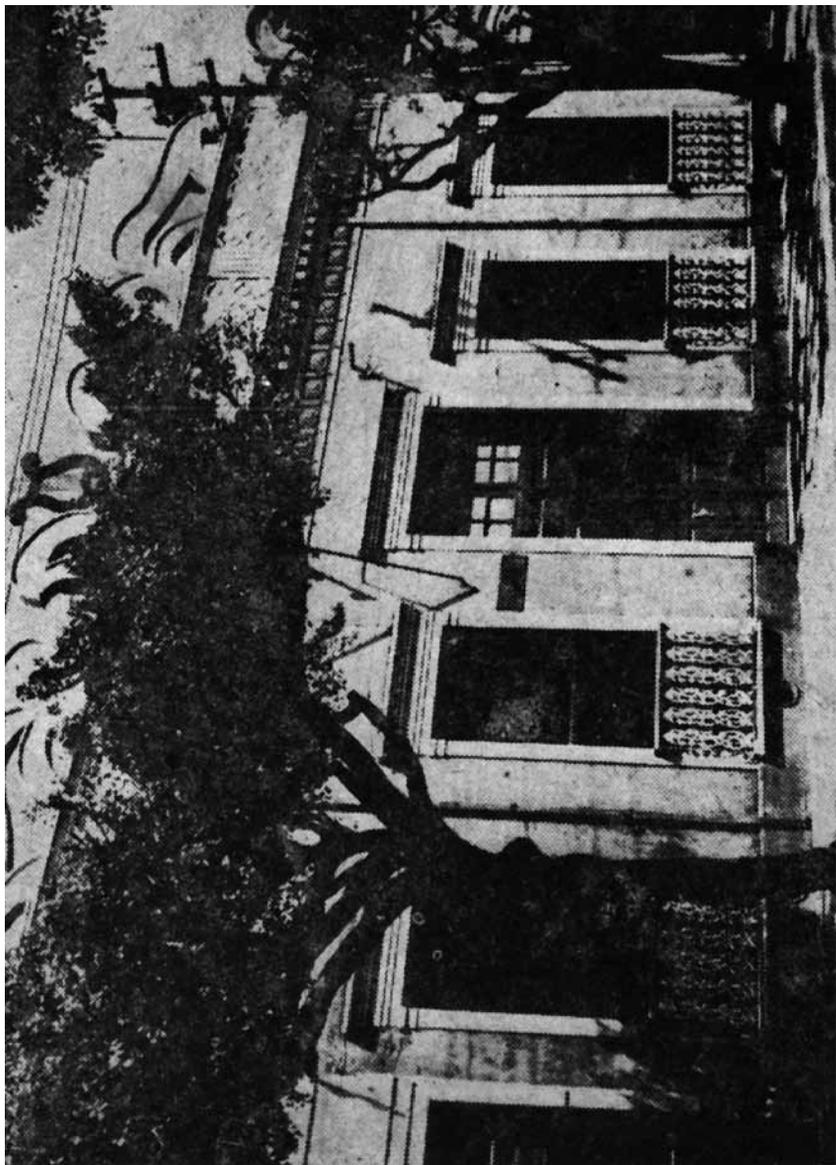
desses artigos e os colocava num caderno-índice¹⁴.
(ortografia foi atualizada)

Dessa maneira, os poemas de *Medicina Caseira* deixam indícios do ato popular e de sua utilização, bem como evidenciam a existência de uma medicina que, ao mesmo tempo em que se fortalecia por meio da formulação de novos medicamentos e de saberes eruditos, rejeitava outra que era acessível e de uso cotidiano: a baseada em ervas medicinais.

Podemos considerar que o *Medicina Caseira* foi uma tentativa de preservar um saber, uma prática, que aparentemente estava em vias de extinção. O livro é rico em indícios históricos sobre a relação entre a medicina científica *versus* medicina popular e algumas doenças que aconteceram no Ceará durante a segunda metade do século XIX e o início do século XX.

Debruçar-se sobre esse tema complexo, ciente do período em que foi escrito o *Medicina...*, um livro em forma de poemas que aparentemente “nada diz”, alheio ao rigor acadêmico, sem referências – pelo menos em sua maioria – aos autores lidos, nem aos lugares que o Poeta visitou para coletar as informações do povo, significa dizer que o olhar do estudioso e pesquisador ainda precisa ser mais disciplinado ao “sensível”.

¹⁴ RIEDEL, Oswaldo. Apresentação. In: GALENO, Juvenal. *Medicina caseira*. Op. cit. s/p.



Casa de Juvenal Galeno – primeira metade do século XX



*Herma de Juvenal Galeno instalada na praça Clóvis Beviláqua (antiga praça Visconde de Pelotas) em homenagem ao Centenário de nascimento do Poeta.
- 30.09.1936 -*



EXPRESSÃO
GRÁFICA

Rua João Cordeiro, 1285
(85) 3464.2222 • Fortaleza-CE
www.expressaografica.com.br

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO



20
anos